

9. Entre o Céu e a Terra: Festas e Romarias de Cabeceiras de Basto

Albertino Gonçalves

João Gonçalves

As festas de Cabeceiras evidenciam um profundo enraizamento geográfico, histórico, religioso e estético. São Bartolomeu é inseparável da ponte, da fonte e da capela, tal como S. Tiago, do ribeiro das bichas. A feira de S. Miguel é um mar agitado de gente e a Festa das Papas um banquete comunitário com reminiscências pagãs, sob proteção de S. Sebastião. A festa de Santa Senhorinha remonta à fundação de Portugal e ocorre no mesmo local onde a Santa viveu e repousa. A estética, a arte de sentir em conjunto, acompanha, passo a passo, a procissão de velas da Senhora dos Remédios. Este traço comum, a ancoragem na sociedade, no espaço e no tempo, contribui para que as festas de Cabeceiras de Basto, em vez de se repetir, se caracterizem por uma notória diversidade. Não há festas iguais, nem sequer parecidas. E ascendem a mais de trinta as festas que Cabeceiras de Basto celebra ao longo do ano! Em todas as freguesias. Cabeceiras de Basto é um concelho festivo. Tamanho rosário de festas é prova de obstinada resiliência face à erosão de um século que, no País, tanta festa ceifou. Mas, mais do que pela quantidade, as festas de Cabeceiras de Basto primam pela qualidade, mormente pela originalidade e pela exuberância. Em conjunto, as festas configuram um mosaico, que lembra os vitrais das catedrais góticas. Cada peça tem a sua cor e a sua forma; o conjunto filtra uma luz única que, proveniente das alturas, banha os fiéis numa atmosfera inefável.

Este texto não abrange a globalidade das festas de Cabeceiras de Basto. Seria, dadas as condições, uma tarefa incomportável. Contempla seis festas, caracterizadas por uma acentuada densidade histórica, religiosa e cultural. O propósito não consistiu na descrição detalhada de cada festa, mas em esboçar uma aproximação livre de alguns dos seus atributos mais emblemáticos. O olhar e a escrita foram também, a seu jeito, romeiros.

São Bartolomeu de Cavez

É impossível compreender a festa de São Bartolomeu de Cavez sem referir a curiosa geografia que a envolve. A festa decorre sobre o Tâmega, junto à ponte que une as duas margens do rio. Numa margem, a capela de São Bartolomeu, que pertence a uma propriedade privada, a Quinta da Casa da Ponte, na outra margem, a fonte milagrosa de água sulfurosa. À guarda de São Bartolomeu, ambas são centrais para a festa e para a identidade da freguesia.

A festa de São Bartolomeu realiza-se todos os anos, nos dias 23 e 24 de Agosto, em Cavez. Camilo Castelo Branco descreve, em «Maria Moisés», os temíveis confrontos que, “segundo o bárbaro estilo daquela romagem” (CASTELO BRANCO, 2009 [1876]), se desenrolavam sobre a ponte entre minhotos e transmontanos. Alexandre Teixeira recorda os

preparativos da contenda: *“atempadamente as duas partes tratavam de arranjar os melhores caceteiros da região para se baterem por causas que às vezes nem lhe diziam nada. E assim no dia 23 de Agosto lá se reuniram em plena noite para concertar o plano de ataque ao grupo contrário e a coisa acontecia da seguinte forma: armados de paus de lódo estavam todos os intervenientes e alguns até tinham no bolso a fusca para dar uns tiros se fosse preciso. À frente uma concertina entoando marchas marciais em passo de corrida, atrás os caceteiros com os paus virados ao alto tocando-se nas extremidades pronunciando uma batalha prestes a acontecer. Atravessavam a ponte repetidamente e quando as rusgas se cruzavam aconteciam provocações de parte a parte, até acontecer o confronto físico”* (TEIXEIRA, 2010). Outra testemunha de longa memória confirma: *“Aquilo era a sério, senhor. Chegava a haver mortes”*. Com murros, paus e até armas de fogo, era na noite do dia 23 que se ajustavam as contas de amor, dinheiro e outras desavenças.

Apesar da reputação aguerrida dos confrontos da festa de São Bartolomeu, muitos peregrinos acorriam à festa em busca de outro tipo de pancada: a *“marretada”*, exorcista, do Santo. A romaria à capela de São Bartolomeu já é mencionada nas memórias paroquiais de 1758. Sendo a capela propriedade privada, os caseiros abrem a porta aos crentes que demandam o Santo. Segundo os próprios, todos os fins-de-semana recebem pessoas, o que indica que a tradição se mantém viva. No centro da capela, e da tradição, encontra-se a imagem de São Bartolomeu a pisar o diabo. O ritual a que os romeiros são submetidos assevera-se simples. Dentro da capela, prestada homenagem ao Santo, a pessoa suposta possessa recebe, literalmente, uma pancada na cabeça. A imagem, erguida com ambas as mãos, desce ao encontro da testa do visitante com um ligeiro, mas decidido, toque. Em Cavez, a conta destes exorcismos não tem fim. Vêm pessoas de longe, por exemplo, do Brasil, para experimentar a marretada de São Bartolomeu.

A capela e a imagem não são a única forma de o Santo fazer milagres. Na outra margem do rio, uma descida, melhorada por promessa de uma emigrante, conduz a uma fonte, também ela milagrosa. As memórias paroquiais de 1758 descrevem o fenómeno: *“Junto ao rio Tamega nasce uma fonte ténue que se chama fonte de São Bartolomeu e sabe a água de enxofre”* (CAPELA, 2003: 223). O caudal da fonte é ténue, mas certo, e a flora envolvente contribui para a aura sobrenatural da pia. À água são atribuídas propriedades curativas, sobretudo para as doenças da pele. Há indícios de que a fonte foi associada, em tempos recuados, no final da Idade Média, a uma gafaria. Acredita-se que o efeito da água da fonte aumenta nos dias de festa. Ainda é prática usual beber a água da fonte ou levá-la para casa em garrafas e garrafões. Ainda não vai muito tempo, durante a festa, quando os ânimos guerreiros se exaltavam, os trasmontanos desafiavam *“Vinde à Fonte! Vinde à Fonte!”*; do outro lado, os minhotos gritavam *“Vinde ao Santo! Vinde ao Santo!”*

No centro da crença e da festa está a Ponte de Cavez, cuja construção, no século XIII, é motivo de lenda. Esteve por duas vezes para ser construída em locais a montante de onde se encontra hoje. Quando os trabalhadores começavam a

construção, uma voz dizia-lhes “*aqui não!*” e o local da obra ficava completamente alagado. Por duas vezes a voz advertiu os trabalhadores e por duas vezes estes se viram incapazes de prosseguir a obra. À terceira tentativa a voz não se manifestou, e a Ponte de Cavez foi edificada no local que hoje ocupa.

O próprio responsável pela obra está envolto em mistério. Conta-se que Frei Lourenço Mendes, o promotor da construção, morreu imediatamente após a conclusão da ponte. Alguns vaticinam que foi o excesso de alegria que o vitimou, enquanto outros falam de um acordo com o diabo que permitiu que a ponte terminasse no prazo. Terá sido sepultado junto a uma das cabeceiras da ponte com a seguinte inscrição: “*Esta é a ponte de Cavez e aqui jaz quem a fez*”. A fazer fé na memória das pessoas, o túmulo terá sido demovido há algum tempo. O mesmo dizia António Carvalho da Costa há mais de trezentos anos: “*S. João de Cavez, Vigairaria do Convento de Pombeiro, tem setenta vizinhos. Nesta Freguesia está sobre o rio Tâmega a ponte de Cavez, fundação de Frei Lourenço Mendes, a qual divide esta Província da de Trás-os-Montes. Junto dela estava um túmulo e nele sepultado o Mestre, que a obrara, com um leteiro, que dizia: Esta é a ponte de Cavez, aqui jaz quem a fez. Há poucos anos a desfizeram para outra obra*” (COSTA, 1706, I: 151).

Para a memória colectiva, a duração manifesta-se uma realidade muito relativa...

Longe dos tempos em que os confrontos físicos abalavam a festa, as celebrações em honra de São Bartolomeu concentram-se na imagem do Santo e na água da fonte milagrosa, para onde convergem longas filas de romeiros à espera da generosidade do Santo.

A festa de São Bartolomeu de Cavez manifesta uma riqueza simbólica ímpar. Antes de mais, pelo contexto de liminaridade. No tempo de Camilo Castelo Branco, a ponte de Cavez ainda delimitava as províncias do Minho e de Trás-os-Montes, territórios e identidades assumidamente distintos. Junto à ponte, numa margem localiza-se a fonte sulfurosa e na outra a capela, ambas associadas a São Bartolomeu. A demarcação cavada pelo rio Tâmega e pela fronteira coabita com a passagem permitida pela ponte dando azo a uma dinâmica que tanto separa como aproxima as entidades humanas e sagradas envolvidas. Trata-se de uma configuração propícia ao investimento simbólico, à crença, ao ritual e ao excesso. A ponte de Cavez foi construída, eventualmente com mão do diabo, por uma figura, Frei Lourenço Mendes, que se tornou lendária. É certo que há memória de confrontos entre localidades vizinhas em muitas festas, mas não tão ritualizados, endiabrados e trágicos com entre as rondas de ambas as margens na ponte de Cavez. No conto camiliano «Como ela o amava», o morgado ébrio põe cobro às negociações entre as rondas rivais nos seguintes termos: “*Não há convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!*” (CASTELO BRANCO, 1863). A ponte, arquétipo de ponto de passagem, de traço de união, ergue-se como o lugar onde se suspendem as convenções, um lugar entre mundos, um lugar onde, como sentença o morgado, acabam os mundos. Em suma, um tabuleiro diabólico, atendendo ao sentido etimológico do verbo grego

“diabolus”: meter-se no meio, atravessar o caminho, separar, dividir, fazer tropeçar e cair. A ponte e suas imediações transformam-se num palco de desordem. *“O diabo anda à solta”*. Desordem que se manifesta, antes de mais, na violência e na sexualidade. No conto de Camilo o pomo da discórdia era uma mulher: o noivo e o antigo namorado matam-se um ao outro e a mulher suicida-se (CASTELO BRANCO, 1863).

O pandemónio também se estende à folia pagã do arraial. Há memória de práticas ritualizadas de *“rapto de mulheres”*. Grupos de homens rodeavam uma mulher que desaparecia por um tempo. Algumas famílias fechavam as filhas em casa para as salvaguardar destes desmandos dionisiacos. Trata-se, também, de um ritual de separação.

Mas o primeiro sinal de desordem, de desconcerto do mundo, era dado pela afluência de enfermos e possessos. Vinham em grande número de muitas léguas em redor. Eram os primeiros a chegar. Acudiam à fonte e à capela para curar ora os corpos, ora as almas, ora ambos.

A noite de São Bartolomeu mergulha-nos na luta sem tréguas entre a ordem e a desordem, o bem e o mal, a luz e as trevas. Luta em que o santo é mestre. Nas suas viagens, libertou cidades assoladas pela idolatria e pelos espíritos malignos. Tal como São Bento, S. Bartolomeu consta entre os grandes santos exorcistas. Cumpre-lhe converter a desordem em ordem. Regenerar as comunidades, as pessoas, os corpos e os espíritos. A marretada na cabeça, de cima para baixo, traz luz às trevas, apazigua os corpos e purifica os espíritos. Representado com o diabo acorrentado a seus pés, há, todavia, quem suspeite que o Santo, na noite do dia 23 de Agosto, não resiste a dar-lhe, por um tempo, um pouco de lastro.

A fonte milagrosa suscita algumas conjecturas. Sulfurosa, irrompe das entranhas da terra, junto ao rio, em terra de ninguém. Não admira que tivesse sido entregue à guarda de São Bartolomeu, *“um santo gravemente infesto a Satanás”*. Esta conjugação do sulfuroso com o luminoso dota a fonte com uma força simbólica extraordinária, milagrosa. O imaginário popular reconhece-lhe uma potência sobrenatural. Tal como na capela, as correntes do santo fazem-se sentir na fonte. Com, pelo menos, tanta afluência e devoção.

Os testemunhos relativos à roupa abandonada junto à fonte justificam uma breve reflexão. Regra geral, as práticas ritualizadas seculares não são isentas de sentido. Banhar-se é um ato de purificação. Desnudar-se e mudar de roupa é um gesto simbólico de despojamento, exposição e renovação. São Bartolomeu foi esfolado vivo. Surge, aliás, em muitas imagens seja a segurar a própria pele (e.g. Juízo Final, no fresco de Michelangelo na Capela Sistina), seja em carne viva (e.g. a estátua de Marco d’Agrate na Catedral de Milão, de 1562, ou o quadro de Agnolo Bronzino, de 1556), seja a ser esfolado (e.g. a iluminura no Livro de Horas de Dom Manuel I, entre c. 1517 e c. 1538). Sem pele, o mártir São Bartolomeu ficou completamente exposto ao olhar divino. Quem se despe e se banha, também se expõe ao poder da fonte milagrosa

e do santo que a guarda com o diabo acorrentado. Quem abandona a roupa, nomeadamente interior, muda de pele, muda a sua segunda pele, a roupa: veste a nova e atira a velha, poluída, ao rio. Esta equação releva do pensamento mágico, mas a religiosidade popular costuma saciar a sede nas águas da magia. Esta interpretação pode parecer fantasiosa. Mas não é avulsa. Segundo José Ramos, *“na festa de S. Bartolomeu, na foz do Porto, os fiéis cumprem o rito mergulhando no mar com fatos de papel para que as águas dissolvam a ‘pele velha’ e renasça um novo homem”* (http://www.nova-acropole.pt/a_s_bartolomeu.html). São princípios e rituais homólogos.

Hoje, a romaria comporta arraial, tendas, procissão e fogo-de-artifício, mas não tem violência. Os demónios deixaram de a afligir. Ou S. Bartolomeu os prendeu de vez ou migraram para outras bandas, se calhar, para as capitais. E se algum se atreve aparecer, uma boa marretada afasta-o de vez.

Festa das Papas

A lenda da intervenção milagrosa de S. Sebastião na freguesia de Gondíães é muito antiga. Conta-se que aquele território foi assombrado por uma praga terrível que provocou muitas mortes e fechou muitas portas. A situação parecia irreversível até que, graças a S. Sebastião, advogado da peste, no dia 20 de janeiro, a saúde regressou a Gondíães e seus habitantes. Desde então, a freguesia agradece ao Santo com um gesto de hospitalidade: recebe com festa, comida e bebida, todos os forasteiros que a visitam nesse dia.

Com antecedência, começa-se a amassar o pão e a cozer a broa de milho. Antigamente, recorria-se ao forno comunitário, hoje, a cozedura ocorre na Casa de S. Sebastião, recuperada a preceito para as necessidades da festa. Noutros tempos, o milho era colhido nos campos e a farinha, proveniente dos moinhos locais, era amassada à mão. Entretanto, os hábitos mudaram: usa-se o amassador mecânico, os moinhos estão parados e o milho vem da loja. *“Os ingredientes (...) hoje são comprados mas, em tempos que já lá vão, eram os fregueses que os davam em cumprimento de promessa ao santo”* (FERNANDES, 2012A).

A Festa das Papas assenta em raízes comunitárias que remontam ao passado. Todos contribuem para a festa, mas cabe às mulheres cuidar da confeção das broas de milho, armazenadas na Casa de S. Sebastião até ao dia da festa. Prontas as broas, compete aos homens preparar as papas e a carne na véspera e madrugada do dia 20. O entrecosto é cozido em três enormes potes de ferro sobre a fogueira com água e sal. Os potes, segundo os cozinheiros, chegam a pesar mais de 80 quilos quando estão cheios. Após a cozedura, a água é aproveitada para fazer as afamadas papas com farinha de milho, o alimento que dá o nome à festa.

Muitas pessoas apresentam-se à festa logo de manhã cedo para provar as papas enquanto ainda estão quentes. As papas são retiradas dos potes para malgas onde permanecem à espera, na Casa de S. Sebastião, primeiro, da bênção e, depois, da refeição, composta pelos seguintes ingredientes: as papas, a carne e a broa, acompanhadas pelo vinho, servido, agora, em copos de plástico, dantes em copos de metal partilhados.

A meio da manhã decorre a missa em honra do Santo, presidida pelo pároco local. No final da Eucaristia, sai à rua a procissão com a cruz, a bandeira do Santo e o andor. Na Casa de S. Sebastião são benzidos os alimentos preparados durante a semana. *“Com esta bênção deseja obter-se um ano feliz para as colheitas e para a boa saúde do gado, bens essenciais à sobrevivência dos homens”* (FERNANDES, 2012A). Terminada a procissão, o Santo desce do andor para ser dado a beijar às pessoas presentes. O divino aproxima-se dos seres humanos.

Começa então a azáfama para servir tanta comida a tanta gente. O local da refeição muda consoante o ano é par ou ímpar, ocorrendo, respetivamente, ou no lugar de Gondiaes ou no lugar de Samão. Quando a festa se realiza em Gondiaes, são colocadas mesas de madeira ao longo da rua, cobertas com pano de linho a todo o comprimento:

“Depois dos alimentos benzidos

Estão prontos para comer

Postos na toalha de linho

Para na mesa estender”

Quando o banquete tem lugar em Samão, respeita-se a tradição: *“Neste dia, comem-se as papas, a broa, o toucinho e bebe-se o vinho, produtos que antes são benzidos na Casa do Santo, seguindo posteriormente em carros de bois em forma de procissão para um campo, ao longo do qual se colocam no chão toalhas de linho e sobre as quais se distribuem os alimentos”* (<http://www.cabeceirasdebasto.pt/1858>).

As broas são transportadas em cestos, acompanhadas por tabuleiros com papas e carne; o vinho é servido a partir do garrafão. Para que a distribuição dos alimentos seja justa, utiliza-se uma vara que mede a distância entre as broas, as malgas de papas e os tabuleiros de entrecosto. O tamanho da vara muda consoante o número de participantes no banquete. Nos anos em que a festa é mais concorrida, a vara tem que ser maior, para que os alimentos cheguem para todos. Durante a refeição, recolhem-se donativos para suportar as despesas com a festa.

A festa realiza-se sempre no dia 20. Quando calha a um fim-de-semana a afluência é maior. Quando a chuva e o mau tempo dificultam as festividades, a refeição é servida sob o teto da Casa de S. Sebastião, sentando-se as pessoas à vez. Mesmo quando as condições se revelam adversas, a festa é muito concorrida, contando com a presença de muitos

forasteiros e emigrantes. Para os vizinhos da freguesia que, por doença ou qualquer outro motivo, não podem sair da residência, um grupo de voluntários leva-lhes os alimentos benzidos a casa.

Durante a parte da tarde, decorre um leilão com produtos doados e com as broas que sobraram. Muitos são os que levam a broa benzida para casa. *“Aqui chama-se “mãezinha” (corruptela de mezinha) a este pão bento, sendo costume levar-se uma parte dele para casa, tendo-nos sido dito que não ganha bolor. Este pão bento traz protecção à casa para onde se leva, sendo mesmo costume dar-se um pouco aos animais”* (FERNANDES, 2012A). No dia seguinte, volta-se a repetir a festa, mas, desta vez, destinada principalmente à comunidade local, às gentes de Gondiaes.

A festa das papas inscreve-se no ciclo das festividades de inverno, tal como o São Martinho ou o São Nicolau. A maior parte destas festas remete para o mundo rural onde atividade agrícola era predominante. Com o outono e o inverno, as colheitas de São Miguel escasseiam, nomeadamente nas famílias mais carenciadas. A folga nos trabalhos do campo, as noites longas, o frio e a chuva reduzem o convívio e afrouxam os laços sociais. As festas de inverno apostam no reencontro, na dádiva e na partilha. São percorridas por um espírito de solidariedade. A festa das papas assenta numa tradição de caridade e afirma-se como um momento de ampla e generosa partilha. Existe, na história da humanidade, um modo por excelência de unir as pessoas, de as animar e gratificar. O estar em conjunto em torno da alimentação. E se, a fazer fé em Goethe, o mundo repousa no princípio da alimentação, então o banquete é a sua obra-prima. Atente-se, para além de Gondiaes, nas ceias nicolinas, em Guimarães, ou nos magustos, em Penafiel.

“O banquete proporciona um dos pontos altos de identificação e comunhão tribal, em que a carne e a cultura se entrelaçam na vivência de um corpo coletivo glutão, sentado à mesa utópica da fraternidade e da abundância. Um corpo que não para de comer, de beber, de digerir, de arrotar, de tocar, de cheirar, de falar, de rir, de dar e de receber; logo de se renovar, numa transação permanente com o outro e com o mundo” (GONÇALVES, 2002: 127). Imersos no banquete, os comensais configuram um corpo coletivo, mas também um corpo cósmico, como recorda Mikhail Bakhtin: *“Este reencontro com o mundo na absorção de alimentos era feliz e triunfal. O homem triunfava sobre o mundo, engolia-o em vez de ser engolido; a fronteira entre o homem e o mundo apagava-se de uma forma que lhe era favorável”* (BAKHTIN, 1970: 280). O que vale para a Idade Média ainda perdura na atualidade. Convém, no entanto, precisar que o enorme corpo coletivo da Festa das Papas não convoca só a humanidade e o cosmos; convoca, também, o mundo divino, que se aproxima dos fiéis. No dia de S. Sebastião, o Santo desce do andor para ser beijado, com devoção, pelos crentes. E sobre a mesa aguardam as papas de milho, o pão e o vinho benzidos. O pão e o vinho constam entre os alimentos e as bebidas que fazem a mediação entre o humano e o divino. Atente-se, por exemplo, na última ceia e na eucaristia. O pão,

fruto da natureza e do trabalho do homem, é benzido antes de ser comido. É, não faltam testemunhos, tão milagroso que resiste ao tempo sem se estragar.

Festa de S. Tiago

A dimensão da festa de São Tiago, na freguesia da Faia, já não é a mesma de outros tempos, mas a tradição que lhe está associada é, sem dúvida, digna de nota. Entre as gentes de Cabeceiras de Basto, a festa do padroeiro da Faia é conhecida por outro nome: a *'Festa das bichas'*.

Em que consiste a festa das bichas? A primeira pista é-nos facultada pelas memórias paroquiais de 1758: *"Há ao pé desta igreja um ribeiro, em dia de São Tiago, que é o orago, concorre muita gente a tomarem bichas para sararem de várias enfermidades. E é tradição antiga que só naquele dia se achavam no dito ribeiro que se chama de S. Tiago"* (CAPELA, 2003: 224). As pessoas da freguesia contam as histórias que os avós lhes contavam: antigamente, quando as pessoas tinham problemas no sangue ou outras doenças em que era necessário purificar o corpo, mergulhavam as pernas no estreito ribeiro que corre perto da igreja de S. Tiago. No dia do Santo, apareciam as sanguessugas que se agarravam às pernas dos banhistas e curavam varizes e coágulos, regenerando os corpos dos devotos.

Reza a lenda que as bichas aparecem apenas no dia de S. Tiago, muito embora a vida e a obra de S. Tiago nada tenham a ver com semelhante lenda. Pormenor que não obsta a que a memória da cura pelas sanguessugas se mantenha viva e festiva. Hoje, ninguém se aventura a mergulhar as pernas no ribeiro, mas a festa das bichas continua a realizar-se com dignidade todos os anos no último fim-de-semana de julho ou no primeiro de agosto, com missa, procissão, música e fogo-de-artifício no final.

"Chama-se esta Paróquia vulgarmente Santiago das Bichas, porque em um regato, que por ela corre há muitas sanguessugas, e desde as primeiras Vésperas deste Santo até às segundas concorre a ele em romaria muita gente sã e enferma de vários males e uns mandam tirar estes bichos para os pôrem em si, outros metem as pernas na água e aferrando-se nelas lhes tiram quantidade de sangue, com que se acham melhor, e se atribui a milagre do Santo, não o pegar das sanguessugas, pois é seu natural, mas o obrarem tanto bem repentinamente" (COSTA, 1706, I: 151). Por sua vez, as Memórias Paroquias de 1758 especificam que as sanguessugas *"só naquele dia se achavam no dito ribeiro que se chama de São Tiago"* (CAPELA, 2009: 224). Se o Padre António Carvalho da Costa contempla na sua Corografia, de 1706, a festa de Santiago das Bichas é porque esta era importante.

O renome da festa de S. Tiago das Bichas não é de estranhar. A sangria é uma prática preventiva e terapêutica que remonta, pelo menos, ao Antigo Egipto. Hipócrates (460-370 a.C.) recomenda-a para as dores fortes do fígado e do baço,

a pneumonia com febre e a apoplexia cerebral. No século XIII, é editada a obra «Regimen Sanitatis Salernitanum», ligada à escola de medicina de Salerno, da qual se extrai o seguinte poema:

*“A sangria, aos olhos, dá novo lustro
Reanima a memória, esclarece o cérebro
Com doce calor, aquece as medulas
Apazigua o intestino e o ventre rebeldes
Acalma diluindo-o o estomago irritado
Concede aos sentidos refrescados, vigor e nitidez
E dá à voz uma suavidade agradável”¹*

A sangria, enquanto modo de equilibrar os humores internos, quase foi encarada como uma panaceia para todos os males. Uma das modalidades de sangria recorre a sanguessugas, animais que têm a particularidade de produzir uma substância anticoagulante chamada hirudina. A utilização de sanguessugas atinge o apogeu no decurso do século XIX. Para se ter uma noção da amplitude do fenómeno, registe-se que a França importou, no ano de 1833, onze milhões de sanguessugas. Por essa altura, a Alemanha exportava anualmente para os Estados Unidos cerca de trinta milhões de exemplares (JARDIN, 2005: 17).

Nesta perspetiva histórica, compreende-se a reputação da festa de S. Tiago das Bichas. Pela afluência e pelo motivo. No século XII, a escola de medicina de Salerno chamava a atenção para o calendário apropriado para as sangrias, aconselhando as horas, os dias e as estações mais propícias. Durante a festa de S. Tiago das Bichas ocorria uma conjunção extraordinária: um espaço, o ribeiro; um tempo, o período festivo; e um agente ocasionalmente abundante e eficaz, as sanguessugas. A cura milagrosa assenta nesta coincidência. Acontece ali, naquele momento, com aquelas bichas, por graça do Santo. Configura-se um triângulo simbólico com os seguintes vértices: generosidade divina, disponibilidade da natureza e carência humana. Os tópicos de uma visão do mundo.

¹ Traduzido a partir de JARDIN, 2005: 11

Santa Senhorinha

Há festas fortemente imbuídas de religiosidade popular. Por exemplo, S. Bartolomeu de Cavez, Santiago das Bichas ou S. Sebastião em Gondiaes. A Festa de Santa Senhorinha distingue-se pela profunda ancoragem na vida da Igreja e na história eclesial.

Baptizada Domotila ou Genoveva, a Santa, nascida, presumivelmente, em Vieira do Minho, ficou órfã da mãe, Teresa, ainda era menina de peito. O novo nome foi-lhe atribuído pelo pai, Avulfo, Conde e Senhor de Vieira do Minho e Basto. Viúvo, regressado da guerra, a filha tornou-se a sua *senhorinha*, a menina dos seus olhos. Confiou a sua educação à tia, D. Godinha, que a *“criou com o doce leite da religião, até idade competente de tomar estado”* (CARDOSO, 1657, II: 669). Teve pretendentes nobres, mas recusou o casamento para se dedicar a Deus. Com o apoio do pai, entrou com 15 anos no Mosteiro S. João de Vieira, de que era abadessa a fundadora D. Godinha. Reza a tradição que, durante a noite, um Anjo apareceu ao pai para confirmar que tal era a vontade divina. O pai deu-lhe o padroado de três igrejas, entre as quais a igreja de São Jorge de Basto (que viria a ser de Santa Senhorinha), onde, *“passando do rio Ave para o rio Basto”*, Santa Senhorinha acabará por se fixar. Falecida a tia, Santa Godinha, assumiu, com 36 anos de idade, o cargo de abadessa do mosteiro. Multiplicaram-se os milagres. Em resposta às suas preces, apareceu uma grande quantidade de farinha no mosteiro. A água da fonte transformou-se em vinho. E quando umas ruidosas rãs estavam a perturbar a oração das freiras, impôs-lhes silêncio, e estas, mais do que se calar, sumiram-se.

Santa Senhorinha faleceu no dia 22 de abril de 982, sendo sepultada ao lado da tia, Santa Godinha, e do irmão, São Gervásio. Foi canonizada, em 1130, pelo arcebispo de Braga D. Paio Mendes que se deparou com a cura de um cego de nascença ao preparar-se para exumar o corpo. O arcebispo desistiu de abrir a sepultura e mandou gravar no túmulo um epitáfio a confirmar a sua canonização. Atendendo que Santa Senhorinha era prima de S. Rosendo, pode-se dizer que estamos perante uma ilustre família propensa à santidade.

A morte não interrompeu os seus milagres. D. Sancho I, aflito com a doença, porventura lepra, do filho de cinco anos, o futuro D. Afonso II, deslocou-se ao túmulo de Santa Senhorinha: *“Conforme o próprio monarca narra, em estilo directo, na primeira pessoa, lá se dirigiu a fim de rezar (‘causa orationis’) junto do túmulo da gloriosa Virgem, Santa Senhorinha. Não teve respeito humanos e, diante dos presentes, com gemidos e suspiros (‘gemitibus et suspiriis’), impetrou a saúde para seu filho D. Afonso, fazendo a promessa de criar à volta da igreja um couto de protecção, que ele próprio percorreu a pé, mandando que D. Gonçalo Mendes, senhor da terra, levantasse as pedras de coutação. O documento é autêntico e vem reproduzido entre os Documentos de D. Sancho I”* (DIAS, 1996: 64). Por seu turno, D. Afonso III expandiu os

privilégios da igreja de Santa Senhorinha; Dona Inês de Castro erigiu uma capela a S. Gervásio e D. Pedro I fez-lhe doação do padroado que detinha na igreja de Santa Maria do Salto, no Barroso.

Adiantámos que a festa e a devoção a Santa Senhorinha evidenciam uma forte componente eclesiástica. Resulta, porém, difícil uma devoção desta dimensão não convocar a religiosidade popular. Assim sucede, por exemplo, com a raspa de terra debaixo do túmulo de Santa Senhorinha e com o batismo pré-natal na ponte da Misarela.

José Augusto Vieira regista, no «Minho Pitoresco», que os fiéis, após uma oração de joelhos junto ao túmulo de Santa Senhorinha, *“rojam-se sobre o pavimento para com uma pena, um ramúsculo, ou qualquer outro instrumento apropriado, esgravatarem por entre as fendas ou interstícios do túmulo o solo onde ele assenta, e pedirem assim a terra à santa para curar as maleitas, operação que é feita depois em casa, tomando a terra numa infusão de ervas escolhidas”* (VIEIRA, 1886, I: 541). Este ritual já existia no século XVII. Jorge Cardoso destaca-o no «Agiolégio Lusitano»: *“Sepultaram-na no mesmo mosteiro, entre S. Gervás, seu irmão, e S. Godinha, sua tia, onde é venerada até nossos tempos, com grande frequência de romeiros, que de muitas partes deste reino e fora dele, concorre a visitar suas sagradas e milagrosas relíquias, levando terra há mais de seiscentos e sessenta anos de sua sepultura, sem nunca faltar, remédio efficacíssimo, aprovado por tantos séculos, para os que padecem maleitas, e para as estéreis, que assim aqueles como estas, alcançam a desejada saúde, pelos méritos desta gloriosa Santa”* (CARDOSO, 1657, II: 671).

Na ponte da Misarela, sobre o rio Rabagão, em Montalegre, quando se teme pelo desenlace de uma gravidez, espera-se, de noite, pelo primeiro transeunte. Será, caso aceite, o padrinho de um baptismo extra-sacramental. Cumpre-lhe deitar a água, mágica, do rio sobre o ventre materno, proferindo a seguinte ladaíinha:

*Eu te baptizo
criatura de Deus.
Pelo poder de Deus,
e da Virgem Maria.
Se for rapaz, será ‘Gervás’;
se for rapariga, será Senhorinha.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,
um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.*

“Se for rapaz, será ‘Gervás’, se for rapariga, será Senhorinha”, precisamente na ponte que os dois irmãos santos atravessaram rumo ao mosteiro de Celanova, na Galiza, ao encontro do primo S. Rosendo.

Entre os apelos da religiosidade popular, pode-se acrescentar a crença nas virtudes prodigiosas da fonte de Basto, cuja água, transportada por uma serviçal, transformou, por duas vezes, em vinho, segundo consta num manuscrito da

Colegiada de Guimarães, do século XIII, depositado no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Não foram duas, mas mil vezes, declama o poeta Jerónimo Baía, frei beneditino, bem ao seu jeito barroco (TAVARES, 2003: 8).

Como sustenta D. António Monteiro, a canonização de Santa Senhorinha por D. Paio Mendes representa *“o começo de uma nova etapa de intensa devoção à gloriosa Santa de Basto. Não duvidamos que foi também a partir daquela data que a velha paróquia de S. Jorge se começou a chamar paróquia de Santa Senhorinha (...) Os milagres multiplicavam-se... e das terras próximas e distantes, de todo o nosso reino, da Galiza, de Lião, vinham ao seu túmulo as gentes cheias de fé e confiança”* (MONTEIRO, 1982: 29).

Por meados do século XVIII, nas *«Memórias Paroquiais»* de 1758, afirma-se que *“a paróquia [de Santa Senhorinha] é a principal deste concelho [Cabeceiras de Basto]. Nela se fazem todas as funções principais como vem a ser a procissão do Corpo de Deus a que vão assistir o senado da Câmara e El Rei Nosso Senhor Ihe leva em conta tudo que dispenderem na dita procissão, assim do gasto da cera como do sermão; vêm também assistir das freguesias circunvizinhas com suas cruces e os eclesiásticos delas”* (CAPELA, 2003: 221). A importância assumida pela paróquia justificou que no século XIX fosse tratada, por exemplo, por Pinho Leal no *«Portugal Antigo e Moderno»*, como Sé de Basto (LEAL, 1873, I: 220-221).

Os ex-votos guardados na igreja, alguns seculares, testemunham que Santa Senhorinha continua a fazer milagres. O culto e a festa a Santa Senhorinha, tão antigos quanto a nacionalidade, sempre mereceram incansável zelo e firme devoção por parte do clero e dos fiéis. Hoje como ontem. A igreja, casa de Deus, tem o privilégio de abrigar os restos mortais de Santa Senhorinha, de Santa Godinha e São Gervásio, todos com berço e vida em Terras de Basto. É certo que a fonte de Santa Senhorinha já não é o que era. E as rãs estorvam cada vez menos a oração.

Todos os anos se cumpre uma tradição milenar. Celebra-se, a 22 de abril, o dia da morte da Padroeira das Terras de Basto. Um dia de comunhão, fé e alegria. A festa de Santa Senhorinha consta entre as mais reputadas e as mais concorridas do concelho de Cabeceiras de Basto.

Feira e festas de S. Miguel

A feira de S. Miguel, em Cabeceiras de Basto, remonta aos tempos medievais. Engrandecida no início do século XIV pelo rei D. Dinis, a feira, bem como a sua relação com o mosteiro de Refojos, é mencionada nas memórias paroquiais de 1758: *“tem uma feira chamada de S. Miguel que principia aos vinte e oito de Setembro e finda aos trinta. Os assentos dela se pagam ao Mosteiro e nela dá correção o D. Abade como ouvidor com os mais oficiais pondo as posturas e penas aos açambarcadores e alguma condenação que se faz está aplicada para a sacristia do Mosteiro por privilégio real”* (CAPELA,

2003: 226). Hoje, a procissão e o dia do padroeiro ainda decorrem no dia 29, tendo o arraial lugar no dia 28. Mas o período da feira prolonga-se de 20 a 30 de setembro. As festas de S. Miguel, também do concelho, constam entre as mais notáveis e concorridas do Minho.

A feira de S. Miguel não parou de crescer. Com o foral de 1514, o lugar da feira muda de Olela, em Santa Senhorinha de Basto, para a localização atual junto ao Convento de Refojos. Durante muito tempo, concentrou-se no Campo Seco. Hoje, a feira abrange quase todas as ruas e praças do núcleo urbano, que se animam com gente, espiritualidade, comércio e diversão. A feira, originalmente dominada pelo comércio de gado bovino e cavalar, concentra milhares de pessoas que negociam todo o tipo de artigos. A componente agrícola da feira resulta revigorada com a organização, iniciada em 1976, da Agro-Basto, “*certame*” das atividades económicas de Basto.

O dia de S. Miguel é de suma importância no calendário agrícola. O Santo é associado às colheitas, tal como S. Bartolomeu um mês antes. Mas também é um momento de providência. Aproximam-se tempos menos férteis. A feira é decisiva para escoar, abastecer e precaver. Para além de uma ocasião festiva, a feira apresenta-se como uma interface, um nó de comunicação e um vigoroso catalisador económico da região. Mas a feira é, em si mesma, fonte de negócio. Abre a bolsa e o apetite a locais e a forasteiros. Alguns comerciantes, por exemplo, com tabernas ou barracas, não tinham mãos a medir. Chegavam a trabalhar dias seguidos sem dormir. Era mais difícil transportar as pipas de vinho do que esvaziá-las. Toda a família se mobilizava para retirar o maior proveito de uma oportunidade fugaz. Com ou sem canseiras, as pessoas apazem-se a recordar outros tempos: *“Aquilo, antigamente, era mais bonito. Lembro-me de ver as amazonas. Era o que eu mais gostava. Juntava-se muita gente.”* Nós também haveremos de recordar, se calhar com igual deleite, os tempos de hoje.

O dia mais grandioso da festa é o 29 de setembro, feriado municipal. De manhã, celebra-se a missa solene em honra do Arcanjo S. Miguel. A procissão aguarda pela tarde. Sai da Igreja do Mosteiro de S. Miguel de Refojos. Comporta cerca de trinta andores, cuja decoração, a cargo de pessoas e associações locais, é motivo de orgulho. Entretanto, há ranchos folclóricos e bandas de música. O dia acordou com arruadas de bombos. O arraial quase não deixou dormir a noite anterior. A procissão está no adro e o dia ainda vai a meio. Aguardam-se novas bandas de música, animação musical com grupos famosos e, para fechar, um espetáculo mediático nos claustros do Mosteiro.

Cabeceiras de Basto honra S. Miguel com feira e festas. Há um século, os antepassados destes eventos eram predominantemente feiras. Na designação e no conteúdo. Mais enxerto, menos enxerto, mais mudança, menos mudança, foram-se transformando. Umas evoluíram fundamentalmente para festas. As impressões digitais mudaram de dedo e a feira deixou de ser matricial. Assim sucedeu com a Romaria da Senhora da Agonia, de Viana do Castelo, nas últimas

décadas do século XIX. Chamava-se feira, chamou-se feira e festas, chama-se romaria d'Agonia (MARTINS; GONÇALVES; PIRES, 2000: 21-34). Em contrapartida, as Feiras Novas, de Ponte de Lima, preservam, com uma ou outra inovação, a matriz inicial. Ocorrendo em Setembro, as Feiras Novas, festas do concelho, também se despedem do sol de verão. Cabeceiras de Basto aposta na feira e nas festas, ou seja, numa coabitação. As feiras, reputadas na região, mantêm uma forte componente rural e agrícola. Constituem uma alavanca e uma imagem de marca do concelho. A componente festiva afirma-se, por seu turno, igualmente apelativa e grandiosa.

A distinção entre feira e festa ganha em ser relativizada. As feiras eram, já na Idade Média, festivas. Acolhiam músicos, saltimbancos, jograis, mimos, acrobatas... No século XIX, as feiras já comportavam missa, arraiais, gigantones e cabeçudos, zabumbas e fogo-de-artifício. A própria feira, em si, era uma festa (GONÇALVES, 2009: 67-74). Uma comparação dos programas das feiras e das festas atuais revela que os números tendem a repetir-se: zabumbas e zés pereiras, gigantones e cabeçudos, concursos, jogos e desportos, feira do gado, exposições, arraial, bailes e festivais, bandas de música, concertos musicais, ranchos folclóricos, concertinas e cantares ao desafio, espetáculos, cortejo etnográfico, celebração religiosa, fogo-de-artifício. Apesar disso, não são iguais. Cada uma tende a preservar a sua identidade.

No livro do Apocalipse, o arcanjo S. Miguel comanda os exércitos de Deus que derrotam as forças de Satã. Tal como S. Bartolomeu, S. Miguel *"é um santo gravemente infesto a Satanás"*. Com S. Bartolomeu no limite do concelho e S. Miguel no centro, os cabeceirenses estão bem protegidos. Mas não convém esquecer que, na queda, os anjos rebeldes se precipitaram nas entranhas da terra e do fogo. Não foram eliminados, mas infernizados. Por outro lado, S. Bartolomeu ou afasta ou acorrenta os demónios. Teme-se, não obstante, alguma distração. E na Igreja do Mosteiro de S. Miguel de Refojos o olhar espanta-se com sátiros e carrancas que parecem vir de outros mundos. Mas S. Miguel está por perto.

Festa de Nossa da Senhora dos Remédios

A festa em honra de Nossa Senhora dos Remédios, em Arco de Baúlhe, é considerada a segunda maior do concelho de Cabeceiras de Basto. Em investimento e afluência. As celebrações decorrem no primeiro fim-de semana de setembro, mas a festa é anunciada um mês antes com a erguida do pau da bandeira.

A erguida do pau da bandeira é tradição antiga retomada há cerca de uma dúzia de anos. Configura um autêntico ritual que exige tempo, dedicação e esforço coletivo. Nos montes das redondezas, escolhe-se o eucalipto mais alto e mais direito, que pode atingir os 25 metros. Guardado em local abrigado, aí permanece a secar e a perder peso. Chegada a hora, é perfurado de modo a facilitar o transporte com um carro de bois. Dantes, era conduzido para o Lugar da Serra,

perto da Fonte dos Namorados (do Pedro e da Clara). Hoje, recorre-se ao recinto do Agrupamento de Escolas do Arco de Baúlhe. O transporte é acompanhado por muitas pessoas, em cortejo. Trajadas a preceito, levam ofertas para a festa e para o leilão.

Do ponto de vista simbólico, um tronco de árvore ritualmente erguido costuma ser associado aos valores de fertilidade e de abundância. Para compor a cerimónia, só falta o banquete. Vinho, broa e sardinhas assadas, as herdeiras do bacalhau frito. E há música, e há dança. Um corpo coletivo efervescente, generoso e glutão a viver, por um tempo, no utópico País da Cocanha. O convívio encerra com um leilão para angariação de fundos para a festa de Nossa Senhora dos Remédios. Volvido um mês, inicia-se a tão esperada festa de Nossa Senhora dos Remédios. Sexta-feira à noite, a procissão de velas percorre as artérias mais antigas da Vila. Há quem a considere *“o momento mais belo da festa”*. Ordeiro e devoto, o silêncio escuta o terço cantado. Com uma vela a tremeluzir de fé na mão, cada crente é uma chama pequenina que ilumina o caminho da virtude. A procissão avança devagar, não vá alguma vela queimar a noite. Um bálsamo para o coração e um encanto para o olhar. Recolhida a procissão de velas, começam, para os mais jovens, os concertos e os festivais. Esses sim, a tentar, como ícaros sem asas, pegar fogo à noite.

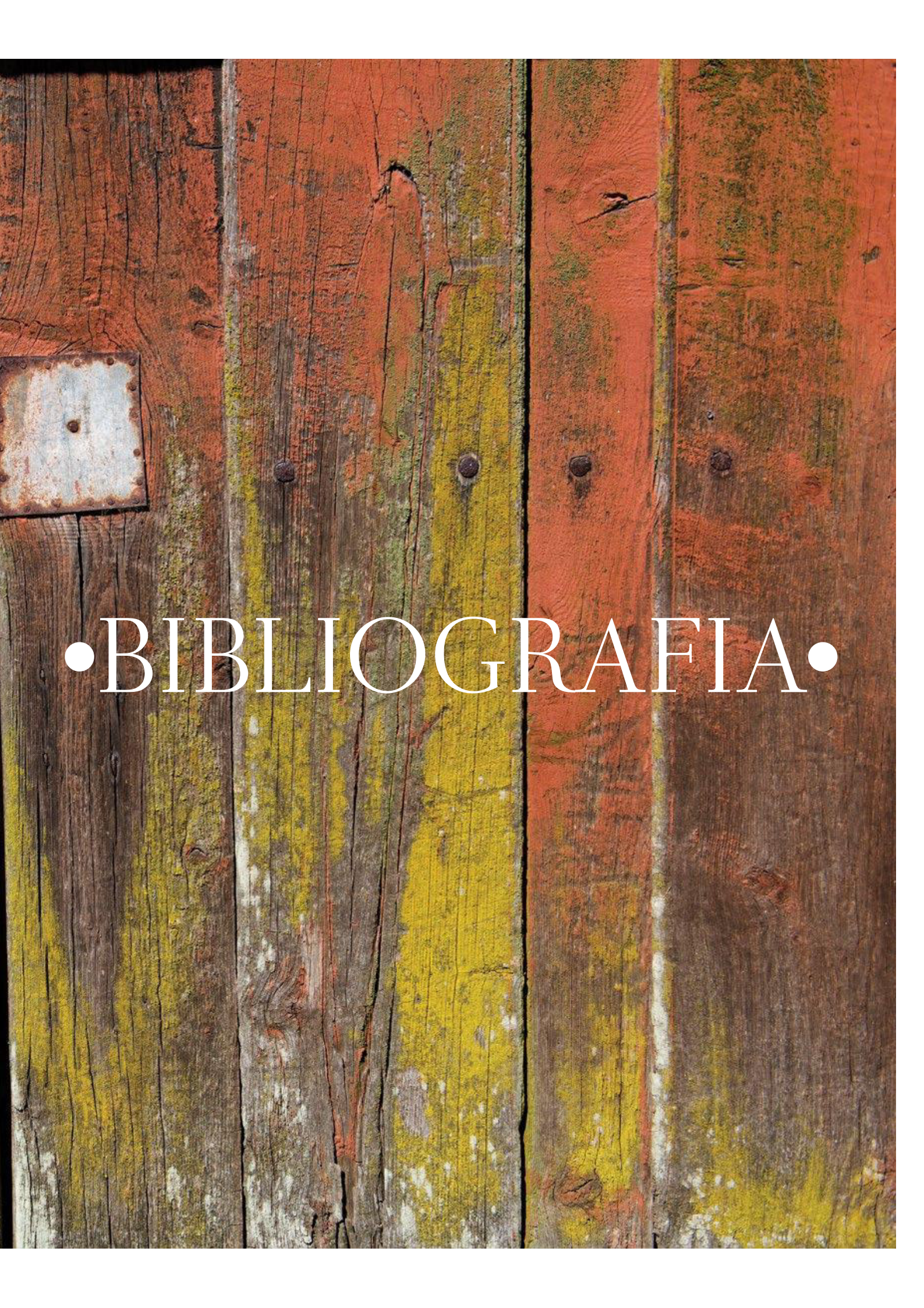
A Procissão do Triunfo, no domingo, é o ponto alto da festa. Os andores, com as imagens dos santos, são decorados com artes tradicionais, à moda antiga. Distinguem-se. Ocupam muita gente, que se orgulha com o resultado. A imagem de Nossa Senhora dos Remédios também não é como as outras. Consta que é a única no país que está vestida com roupa de tecido.

Juntam-se milhares de romeiros em Arco de Baúlhe. Por obra de Nossa Senhora dos Remédios, cuja capela começa a ser pequena para tanto milagre. Mas também por mérito das gentes de Arco de Baúlhe. Já em 1758 se escrevia: *“Há neste lugar do Arco boas estalagens a que acodem muitos hóspedes por ser por este Arco estrada real que frequentam os transmontanos na comunicação que têm com os do Minho alternativa”* (CAPELA, 2003: 216). Facto histórico que não surpreende um dos organizadores da festa: *“a gente do Arco junta a alegria do Minho com a hospitalidade de Trás-os-Montes”*.

Terminado este breve percurso por algumas festas de Cabeceiras de Basto, persiste, caprichosa, a vontade. De banhar ou de beber nas fontes de São Bartolomeu e de Santa Senhorinha. De aliviar a marretada de São Bartolomeu com uma infusão de terra do túmulo de Santa Senhorinha. De comer como um abade na Festa das Papas ou à sombra do mastro da Senhora dos Remédios, e de eliminar os excessos no figado, no bócio e no sangue no ribeiro de S. Tiago das Bichas.

E aproveitar o tempo sobran­te nos negócios, nos jogos, nos cortejos, nas diversões e artes sem conta nas praças, nas ruas, nas tendas e nas barracas da feira de S. Miguel. E para remissão de tanto folguedo pagão, em grata penitência, incorpora-se a procissão, à luz do dia ou à luz das velas, em Refojos de Basto ou em Arco de Baúlhe.

Caem as últimas letras, mas ainda sobra tinta para formular uma pergunta que sempre nos acompanhou: as festas de Cabeceiras de Basto preservam a sua identidade histórica, religiosa e cultural? Reinventam-na? Ou diluem-na na repetição dissolvente da modernidade e da cultura de massas? Espera-se que este texto comporte algumas sementes, embora modestas, suscetíveis de contribuir para a colheita das respostas.



•BIBLIOGRAFIA•

ABREU, 1956

Leonídio de Abreu – Silva Minhota. Braga: [s.n], 1956.

ALARCÃO, 1988

Jorge de Alarcão – Roman Portugal. 3 vol. Warminster: Harris & Philips, 1988.

ALARCÃO, 1999

Jorge de Alarcão – As cidades capitais do Norte de Portugal na época romana. In Los orígenes de la ciudad en el Noroeste hispánico. Actas del Congreso Internaci-onal. Lugo, 1999. P. 429-437.

ALARCÃO, 2000

Jorge de Alarcão – As paróquias suélicas do território actualmente português. In Religión, Lengua y Cultura prerromanas de Hispania. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2000. P. 30-59.

ALARCÃO, 2003

Alarcão, Jorge de – A organização social dos povos do Noroeste e Norte da Península Ibérica nas épocas pré-romana e romana. Conímbriga. 42 (2003). P. 5-115.

ALMEIDA, 1939 [1643]

Gregório de Almeida, Dom [Padre João de Vasconcelos, S.J.] – Restauração de Portugal Prodígiosa. Ed. de Damião Peres. Vol. 4. Barcelos, [s.n.], 1939. 1.ª ed., Lisboa, António Álvares, 1643

ALMEIDA, 1968

Carlos Alberto Ferreira de Almeida – Vias Medievais de Entre Douro e Minho. Texto policopiado. Vol.1. Porto, 1968. P. 191-192.

ALMEIDA, 1971

Fortunato de Almeida – História da Igreja em Portugal. Vol. IV. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1971.

ALMEIDA, 1974

Ferreira de Almeida – L'Orfèverie Archaique Romaine et Wisigothique: les Colléctions du Musée d'Archéologie et d'Etnologie de Lisbonne. Les Dossiers de l'Archéologie. Dijon. 4 (1974). P. 70-75.

ALMEIDA, 1976

José António Ferreira de Almeida, coord. – Tesouros Artísticos de Portugal. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.

ALMEIDA, 1981

Carlos Alberto Ferreira de Almeida – Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto, Refojos de Basto. Arqueologia. Porto. 3 (1981). P. 111-116.

ALMEIDA, 1981A

Carlos Alberto Ferreira de Almeida – Território Paroquial no Entre-Douro-e-Minho: sua sacralização. Porto: Associação Cultural Nova Renascença. 1: 2 (1981). P. 202-212.

ALMEIDA, 1983

Carlos Alberto Ferreira de Almeida – O castrejo sob o domínio romano: a sua transformação. In Gerardo Pereira Menaut (coord.) – Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia. Santiago de Compostela: Universidade, 1983. P. 187-198.

ALMEIDA, 2001

Carlos Alberto Ferreira de Almeida – História da Arte em Portugal: O Românico. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

ALMEIDA; BARROCA, 2002

C. A. Ferreira de Almeida; Mário Jorge Barroca – O Gótico: História da Arte em Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

ALMEIDA; SOUSA, 1993

C. A. Brochado de Almeida; Maria José Carvalho de Sousa – Três Torques do Norte de Portugal. Lucerna. 2ª Série. 3 (1987). Porto: Secretaria de Estado da Cultura: Delegação do Norte / Centro de Estudos Humanísticos, 1993. P. 123-133.
Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia

ALVES, 2007

Vera Marques Alves – Camponeses estetas no Estado Novo: arte popular e nação política folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional. Tese de

doutoramento em Antropologia, Departamento de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE, 2007.

AMARAL, 2001

Maria Antónia Athayde Amaral – O cálice de D. Gueda Mendes e o báculo de S. Teotónio: Contributos para a história da ourivesaria do século XII. In Inventário do Museu Nacional de Machado de Castro: Coleção de Ourivesaria Medieval, Séculos XII-XV. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2001. P. 49-61.

AMARAL, 2009

Luís Carlos Amaral – O povoamento da terra bracarense durante o século X. Revista da Faculdade de Letras: História, 3.ª Série. Porto. 10 (2009). P. 113-127.

ANDRADE, 1629

Miguel Leitão de Andrade – Miscelânea do sítio de N.ª S.ª da Luz do Pedrógão Grande: aparecimento de sua santa imagem... Lisboa: Matheus Pinheiro, 1629.

ANEDOTAS, 1980

Anekdotes Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista: Histórias e ditos galantes que sucederam e se disseram no Paço. Leitura, Introdução e Notas de Christopher C. Lund. Coimbra: Almedina, 1980.

ARAÚJO, 1962

Ilídio Alves de Araújo – Arte paisagista e arte dos jardins em Portugal. Vol. 1. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1962.

ARAÚJO, 1965

Ilídio de Araújo – Jardins de Basto. In Guia de Portugal: Entre-Douro e Minho: Minho. Vol. 4, Tomo 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. P. 1294-1299.

ARAÚJO, 2011

Ilídio de Araújo – Memórias arquitectónicas e tumulares dos antigos «Fidalgos de Basto». In Casa Nobre: Um património para o futuro. Actas do 2.º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Município, 2011.

ARGOTE, 1732

Jerónimo Contador de Argote – Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga... Vol. 1. Lisboa: Oficina de José António da Silva, 1732.

ARQUITECTURA, 1988 [1961]

Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.
1.ª ed., 1961

ASSUNÇÃO, 1980

A.M. Assunção – Velharias do Concelho. Jornal de Cabeceiras. Cabeceiras de Basto. 3 Maio 1980.

AZEREDO, 1986

Francisco de Azeredo – Casas Senhoriais Portuguesas. Porto: Editora do Minho, 1986.

AZEVEDO, 1845

Torquato Peixoto de Azevedo – Memorias Ressuscitadas da Antiga Guimaraes em 1692. Porto, 1845.

AZEVEDO, 1988 [1969]

Carlos de Azevedo – Solares Portugueses. Introdução ao estudo da Casa Nobre. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
1.ª ed. 1969

AZEVEDO, 1991

José Correia de Azevedo – Inventário Artístico Ilustrado de Portugal: Minho. Vol. 1. Lisboa: Nova Gesta, 1991.

BABO, [s.d.]

Carlos Babo – A Sombra de D. Miguel. Lisboa: Portugal-Brasil ed., s/d..

BAKHTIN, 1970

Mikhail Bakhtin – L'Oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance. Paris: Gallimard, 1970. P. 280.

BARROCA, 1987

Mário Jorge Barroca – Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-E-Minho: séculos V a XV. Texto policopiado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987.

Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

BARROCA, 1988

Mário Jorge Barroca – Ferrarias Medievais no Norte de Portugal. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 28 (1988). P. 211-241.

BARROCA, 1989

Mário Jorge Barroca – Em torno da residência senhorial fortificada: quatro torres medievais na região de Amares. Revista de História. 9 (1989). P. 6–61. Consulte-se em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13087>

BARROCA, 2000

Mário Jorge Barroca – Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422). Corpus Epigráfico Medieval Português. Vol. II, tomo 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000. P. 241-245.

BARROCA, 2010-2011

Mário Jorge Barroca – Sepulturas Escavadas na Rocha de Entre-Douro-E-Minho. Portugália. Nova Série. Porto. 31-32 (2010-2011). P. 115-182.

BARROSO, 2003

Daniel Barroso – A Levada de Vîbora em Abadim. Ecós de Basto. (31 de Maio de 2003). P. 10.

BASTOS, 1998

Fernando J. R. E. M. Bastos – Os Cientistas e a Religião: contributos para uma epistemologia do Sujeito Científico. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998. Tese de mestrado.

BATISTA, 1996

Fernando Oliveira Batista – Declínio de um Tempo Longo. In O Voo do Arado. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1996. P. 35-75.

BELL, 1982

M. Bell – The effects of land-use and climate on valley sedimentation. In A. Harding (ed.) – Climatic Change in Later Pre-History. Edinburgh: University Press, 1982. P. 127-142.

BERMAN, 1981

Marshall Berman – Tudo o que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade. Lisboa: Edições 70, 1981.

BETTENCOURT, 1995

Ana Maria dos Santos Bettencourt – Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. In Susana Oliveira Jorge – A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de Poder. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. P. 110-115.

BEUG, 1982

H. J. Beug – Vegetation history and climatic changes in central and southern Europe. In A. Harding (ed.) – Climatic Change in Later Pre-History. Edinburgh: University Press, 1982. P. 85-102.

BLANCE, 1971

B. Blance – Die Anfänge der Mettallurgie auf der Iberischen Halbinsel. Berlin: Römisch-Germanisches Zentralmuseum, Gebr. Mann Verlag, 1971.

BOBONE, 1997

Carlos Bobone – História da Família Ferreira Pinto Basto. Lisboa: Liv. Bizantina, 1997.

BONSALL et al., 2005

Clive Bonsall; Mark G. Macklin; David E. Anderson; Robert W. Payton – Climate Change and the Adoption of Agriculture in North-West Europe. European Journal of Archaeology. 5 (2005). P. 9-23.

BOSCH GIMPERA, 1933

P. Bosch Gimpera – Los celtas en Portugal y sus caminos. In Homenagem a Martins Sarmiento: miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense: no centenário do seu nascimento (1833-1933). Porto: Imprensa Portuguesa, 1933. P. 54-72.

BOURIN; BOISSELIER, 2002

Monique Bourin; Stéphane Boisselier (Ed.) – L'espace rurale au Moyen Âge. Portugal, Espagne, France, XII-XIV siècle. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002. (Collection Histoire).

BRADLEY, 1999

Raymond S. Bradley – Paleoclimatology: Reconstructing climates of the quaternary. San Diego: Elsevier Academic Press, 1999.

BRANDÃO, 1725

António Brandão, *Frei* – Quarta parte da Monarquia lusitana: que contém a história de Portugal desde o tempo del Rei Dom Sancho Primeiro, até todo o reinado del Rei D. Afonso III. Lisboa: Of. Ferreiriana, 1725.

BRANDÃO, 1959

D. P. Brandão – Inscrição honorífica a Constâncio Cloro. Revista de Guimarães. 69: 3-4 (1959). P. 367-374.

BURROUGHS, 2005

Burroughs, William James – Climate Change in Prehistory: the End of the Reign of Chaos. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CABECEIRAS, 1998

Cabeceiras... das Terras de Basto. Paços de Ferreira: Anegia Editores, 1998.

CABRAL, 1989

João de Pina Cabral – Filhos de Adão, filhas de Eva: a visão do mundo camponesa do Alto Minho. Lisboa: D. Quixote, 1989. (Portugal de Perto; 19).

CALO LOURIDO, 1993

F. Calo Lourido – A Cultura Castrexa. Porto Son: Edicións A Nossa Terra, 1993.

CALO LOURIDO, 1994

F. Calo Lourido – A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa. 2 vols. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1994.

CALO LOURIDO, 2003

F. Calo Lourido – El Icono Guerrero Galaico en su Ambiente Cultural. Madrider Mitteilungen. Madrid. 44 (2003). P. 33-40.

CAMPO BELLO, 1931

Henrique Campo Belo, *Dom* – A soberana Militar Ordem de Malta e a sua acção em Portugal, Vol. 1. Porto, 1931.

CAPELA, 1987

Martins Capela – *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*. 2ª ed. Terras de Bouro: Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1987.

CAPELA, 2003

José Viriato Capela – As freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758: a construção do imaginário minhoto setecentista. Braga: Universidade do Minho, 2003.

CAPELA, 2006

Capela primitiva mandada fazer por D. Inês de Castro. Diário do Minho. (12 Outubro 2006). P. 24-25.

CARDOSO, 1657

Jorge Cardoso – Agiolégio lusitano dos santos, e varões ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. António, insignes patronos desta ínclita cidade lisboa e a seu illustre cabido sede vacante.Vol 2. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657.

CARDOSO, 1930

Mário Cardoso – Jóias Arcaicas encontradas em Portugal. Revista Nós. Corunha. 75 (1930). P. 43-63.

CARDOSO, 1935

Nuno Catarino Cardoso – Arte Portuguesa: Pelourinhos do Minho e Douro. Vol. I. [S.l.: s.n.], 1935.

CARDOSO, 1957

Mário Cardoso – Das origens e técnica do trabalho do ouro e a sua relação com a joalheria arcaica peninsular. Revista de Guimarães. 67: 1-2 (1957). P. 5-46.

CARDOSO, 1965

Mário Cardoso – A perda frequente de espécimes preciosos da nossa joalharia arcaica. Revista de Guimarães. 75: 1-4 (1965). P. 153-68.

CARDOSO, 1967

Mário Cardoso – Elementos bibliográficos para o estudo da joalharia arcaica luso-espanhola. Revista de Guimarães. 77: 3-4 (1967). P. 329-376.

CARDOSO, 1987

Mário Cardoso – Jóias arcaicas encontradas em Portugal. Nós. Coruña. 11: 72 (1987). P. 205-215.

CARDOSO, 2002 [1652]

Jorge Cardoso – Agiolónio Lusitano. Estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Vol. 2. Porto: FLUP, 2002.
Fac-simile da ed. de Lisboa: na Officina Craesbeekiana, 1652-1744.

CARNEIRO, 2008

Fernanda Carneiro – Tempo de Memórias. Porto: Papiro Editora, 2008.

CARVALHO, 1990

António F. Teixeira de Carvalho, *dir.* – Salvar o Património Cultural é tarefa de todos. Ecoss de Basto, Cabeceiras de Basto. 30 de Setembro de 1990.

CARVALHO, 1992

José Adriano de Carvalho – Introdução. In Francisco Rodrigues Lobo – Corte na Aldeia. Lisboa: Presença, 1992.

CARVALHO, 1998

Teresa P. Carvalho – A terra sigillata Boelhe. Cadernos do Museu. Penafiel. 4 (1998). P. 63-78.

CARVALHO, 2008

Helena P. Abreu de Carvalho – O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracaraensis. Braga, Universidade do Minho, 2008.

CARVALHO, 2009

José Carvalho – Católicos nas vésperas da I República: os Jesuítas e a sociedade portuguesa: o Novo Mensageiro do Coração de Jesus (1881-1910). Porto: Civilização, 2009.

CARVALHO; QUEIROGA, 2005

Teresa Pires de Carvalho; Francisco M. V. R. Queiroga – O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos. Cadernos do Museu. Penafiel. 11 (2005). P. 121-153.

CASTELO BRANCO, 1863

Camilo Castelo Branco – Como ela o amava. In Noites de Lamego. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1863.

CASTELO BRANCO, 1901

Camilo Castelo Branco – Maria da Fonte. Porto: Chardron, 1901.

CASTELO BRANCO, 1965

Camilo Castelo Branco – Novelas do Minho. Vol. 2. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1965.
(7.ª edição).

CASTELO BRANCO, 2009

Camilo Castelo Branco – Novelas do Minho: um retrato de Portugal. Lisboa: Bertrand Editora, 2009.

CASTIGLIONE, 1984

Baltasar de Castiglione – El Cortesano. Trad. de Juan Boscan. Vol. 2. Madrid: Espasa-Calpe, 1984.

CASTRO, 1762

João Baptista de Castro – Mapa de Portugal antigo e moderno. Vol. 1. Lisboa: Oficina patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1762.

CASTRO, 1763

João Baptista de Castro – Mapa de Portugal antigo e moderno. Vol. 2. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CASTRO, 1975

Armando de Castro – Morgado. In Joel Serrão (*dir.*) – Dicionário de História de Portugal. Vol. 4. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

CHAVES, 1934

Luís Chaves – O Basto: Estátua de guerreiro lusitano em Refojos de Basto. Braga: Tipg. Augusto Costa, 1934.

COFFYN, 1985

A. Coffyn – Le Bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique. Paris: Publ. Centre Pierre Paris, 1985.

COIMBRA, 1997

Artur Ferreira – Fafe: a Terra e a Memória. Fafe: Câmara Municipal, 1997.

CONDE, 2010

Silvio Conde – A Casa. In História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média. Dir. José Mattoso. Coord. Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010. P. 54-77.

CORDEIRO, 1999

Joaquim António da Silva Cordeiro – A crise em seus aspectos morais. 2.ª edição. Lisboa: Cosmos, 1999.

CORDEIRO, 2000

José Manuel Cordeiro – A reacção absolutista. In A memória da Cidade. Público. 17.12.2000.

CORREIA, 1924

Mendes Correia – Os Povos Primitivos da Lusitânia. Porto: A. Figueirinhas, 1924.

CORTESÃO, 1984

Jaime Cortesão – Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

COSTA, 1706

António Carvalho da Costa – Corografia Portuguesa e descrição topográfica... Vol. 1. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1706. P. 149-154.
2ª ed. 1868. Braga.

COSTA, 1959

Avelino de Jesus da Costa – O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga. 2 vol. Coimbra: Universidade. Faculdade de Letras, 1959.

COSTA, 1990

Avelino de Jesus da Costa, *Padre* – Pedro Ourives, grande artista e benemérito da cidade de Braga, injustamente esquecido. In Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1990.

COSTA, 1991

José de Magalhães Alves Costa, *Padre* – Um delito de opinião. Celorico de Basto: Ed. da Paróquia do Divino Salvador de Ribas, 1991.

COSTAS; FERNANDEZ, 1994

F.J. Costas Goberna; J. Fernandez Pintos – Diseños cuadrangulares ajedrezados en los petroglifos del Noroeste de la Península Iberica. Actas do Colóquio Galaico-Minhoto, III. 2 vols. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1994. P. 541-566.

COUTINHO, 1881-1882

José de Moura Coutinho, *Dom* – Descrição dos Concelhos de Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto. A Palavra. 10-11 (28.10.1881 a 5.6.1882).

COUTINHO, 1942

C. da Cunha Coutinho – O Castelo da Terra de Basto, mais velho que a nacionalidade. Lisboa: Associação dos Arqueólogos, 1942.

COUTO; GONÇALVES, 1960

João Couto; António M. Gonçalves – A Ourivesaria em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 1960.

CRAESBEECK, 1992 [1726]

Francisco Xavier da Serra Craesbeeck – Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726. 2 vol. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 1992.

CRiado; FÁBREGAS, 1989

Felipe Criado Boado; Ramón Fábregas Valcarce – Aspectos generales del megalitismo galaico. Arqueologia. Porto. 19 (1989). P. 48-63.

CRUZ, 1970

António Cruz – Geografia e Economia da Província do Minho nos fins do Século XVIII. Plano de Descrição e Subsídios de Custódio José Gomes de Vilas-Boas. Apêndice 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1970.

CUNHA, 1950

A. R. Cunha – Cidade de Chacim. Diário do Minho. Braga. 19 Março 1950. P. 1 e 4.

CUNHA, 1958

Victor Cunha – Monografia de Cabeceiras de Basto: História, Lendas, Curiosidades. Cabeceiras de Basto: [s.n], 1958.

CUNHA, 1974

A. R. Cunha – O “castro” de Chacim em Refojos de Basto. Diário do Minho. Braga. 21 Agosto 1974.

CUNHA, 1975

A. R. Cunha – Trepando aos montes. O Distrito de Braga. 1: 1-4 (1975). P. 485-535.

CUNHA, 1989 [1634-1635]

Rodrigo da Cunha, *Dom* – História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga. 2 vol. Braga, 1989.
1.ª ed.: Vol. 1, 1634; Vol. 2, 1635

CUNHA; MONTEIRO, 2010

Mafalda Soares da Cunha; Nuno Gonçalo Monteiro – As grandes casas. In História da Vida Privada em Portugal: A Idade Moderna. Dir. José Mattoso. Coord. Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010. P. 202-243.

DANTAS, 1919

Júlio Dantas – Espadas e Rosas. Lisboa: Sociedade Editora Portugal e Brasil, 1919.

DAVID, 1947

Pierre David – Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe Siècle. Coimbra, 1947.

DESCRIÇÃO, 1874

Descrição abreviada do concelho de Cabeceiras de Basto principalmente da freguesia de S. Miguel de Refojos, sua capital. Por um cabeceirense. Lisboa: Tip. ed. de Matos Moreira e C.ia, 1874.

DIAS, 1961-1969

Luís Fernando de Carvalho Dias – Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve. 5 vol. Beja: Sociedade Editora Ala Esquerda Lda, 1961-1969.

DIAS, 1969

José Sebastião da Silva Dias – A política cultural da época de D. João III. Vol. 2. Coimbra: Universidade, 1969.

DIAS, 1990

Jorge Dias – Estudos de Antropologia. 2 vol. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

DIAS, 1993

Geraldo J. A. Coelho Dias – O Mosteiro de Pombeiro e os beneditinos nas origens de Felgueiras. Felgueiras: Cidade. Felgueiras. 1: 1 (Junho de 1993).

DIAS, 1993A

Geraldo J. A. Coelho Dias – O Mosteiro de Tibães e a reforma dos beneditinos portugueses no Séc. XVI. Revista de História. Porto. 12 (1993).

DIAS, 1996

Geraldo José Amadeu Coelho Dias – D. Sancho I: peregrino e devoto de Santa Senhorinha de Basto. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto. 2.ª série. 13 (1996). P. 63-70.

DIAS, 2002

Geraldo Coelho Dias – O Mosteiro de S. Miguel de Refojos: História do monumento emblemático de Cabeceiras de Basto. Mínia. Braga. 10 (2002).

DIAS, 2009

Geraldo José Amadeu Coelho Dias – O mosteiro de São Miguel de Refojos: jóia barroca em terras de Basto. Cabeceiras de Basto, Câmara Municipal, 2009.

DIAS; OLIVEIRA; GALHANO

António Jorge Dias; Ernesto Veiga de Oliveira; Fernando Galhano – Os espigueiros portugueses. Porto: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1961.

DINIS, 2000

António Dinis – Quinta do Hospício, Portugal, Braga, Cabeceiras de Basto, Basto. In Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11132. Consultado em 11 de Junho de 2013.

DINIS; BETTENCOURT, 2009

António P. Dinis; Ana M. S. Bettencourt – A Arte Atlântica do Crastoeiro, Norte de Portugal: Contextos e Significados. Gallaecia. 28 (2009). P. 41-47.

DINIS; PEREIRA, 1999

António Dinis; Ana Pereira – Casa da Ponte. In Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5682. Consultado em 11 de Junho de 2013.

DIONÍSIO, 1965

Sant'Anna Dionísio, *ed. lit.* – Guia de Portugal: Entre-Douro e Minho: Minho. Vol. 4, Tomo 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.
2.ª ed. 1986

DOCUMENTOS, 1912

Documentos para a história de Guimarães. Revista de Guimarães. 29: 4 (Out-Dez 1912). P. 145-166.

DOMINGUES, 2003

Álvaro Domingues – Paisagens rurais em Portugal: algumas razões da polémica. Revista da Faculdade de Letras. Geografia. 1.ª série. 3 (2003). P. 111-117.

DOMINGUES, 2012

Álvaro Domingues – Vida no Campo. Porto: Dafne, 2012.

DUARTE, 1995

Luís Miguel Duarte – A actividade mineira em Portugal durante a Idade Média: tentativa de síntese. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto: FLUP. 12 (1995). P. 75-112.

ELUÈRE, 1982

Christiane Eluère – Les ors préhistoriques: L'Âge du Bronze en France. Vol. 2. Paris: Picard, 1982.

FABIÉ, 1879

António Maria Fabié – Viajes por España de Jorge de Eingheimm, del Baron Leon de Rosmithal de Blatna, de Francisco Guicciardini y de Andrés Navajero. Madrid: Ed. Libros de Antaño, 1879.

FARDILHA, 1993

Luís F. Sá Fardilha – Sá de Miranda e a Corte. In Espiritualidade em Portugal, sécs XVI-XVII. Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas Modernas. FLUP, Porto. 1993. P. 61-69.

FARDILHA, 2003

Luís Fernando de Sá Fardilha – A Nobreza das Letras: os Sás de Meneses e o Renascimento Português. [Texto policopiado]. Porto: FLUP, 2003.
Tese doutoramento, Literatura Portuguesa, Fac. de Letras, Univ. do Porto, 2003.

FARIA, 1998

Daniel Augusto da Cunha – Um coração para o combate, um coração para a paz. O primeiro ano de publicação d'O Mensageiro do Coração de Jesus em Portugal (Abril de 1874-Março de 1875). Via Spiritus. 5 (1998).

FARIA, 2010

João André de Araújo Faria – A Restauração Prodigiosa de Portugal. 1640-1668. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
Dissertação de Mestrado em História.
http://www.ufrj.br/posgrad/cphistoria/docs_dissertacoes/2010/JoaoAndre.pdf. Consultado em outubro de 2012.

FERNANDES, 1968

A. de Almeida Fernandes – Paróquias suevas e dioceses visigóticas. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho, 1968.
Separata.

FERNANDES, 1990

A. de Almeida Fernandes – Oposição toponímica à doutrina do despovoamento do Norte de Portugal nos séculos VIII-X. In [Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga](#). Vol. I. Braga: UCP, 1990.

FERNANDES, 2000

José Manuel Fernandes – [Arquitectura Portuguesa: uma síntese](#). Lisboa: Imprensa Nacional, 2000.

FERNANDES, 2001

A. de Almeida Fernandes – As Linhagens Fundamentais. In [Portugal Primitivo Medieval](#) Arouca: Associação da Defesa do Património Arouquense, 2001.

FERNANDES, 2001A

A. de Almeida Fernandes – Da Suécia à Reconquista. In [Portugal Primitivo Medieval](#) Arouca: Associação da Defesa do Património Arouquense, 2001.

FERNANDES, 2001 [1531-1532]

Rui Fernandes – [Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas: 1531-1532](#). Edição crítica de Amândio Morais Barros. [Lamego]: Beira Douro. Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro, 2001.

FERNANDES, 2010

Aires Gomes Fernandes – [Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em Finais da Idade Média](#). [Texto policopiado]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.
Dissertação de Doutoramento em Letras, área de História, especialidade de História da Idade Média.

FERNANDES, 2012

Isabel Maria Fernandes – A lã e as mulheres de Bucos. In [Mulheres de Bucos, Cabeceiras de Basto: trabalho da lã](#). Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal, 2012.

FERNANDES, 2012A

Isabel Maria Fernandes – Festa das papas em Gondiaes.
Veja-se <http://saberescruzados.wordpress.com/2012/01/22/festa-das-papas-em-gondiaes-cabeceiras-de-basto/>. Consultado em maio de 2013.

FERNÁNDEZ; RUIZ, 1984

V. Fernández Martínez; G. Ruiz Zapatero – El análisis de territorios arqueológicos: Una introducción crítica. [Arqueología Espacial](#). Teruel. 1 (1984). P. 55-71.

FERRAZ, 2010

Norberto Tiago Gonçalves Ferraz – Cabeceiras de Basto: do fim da Monarquia ao 28 de Maio de 1926. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal, 2010.

FERREIRA, 2010

A. R. R. Ferreira – [Sistema de Informação Geográfica e Susceptibilidade a Incêndio Florestal: análise de Metodologias em Ambiente SIG](#). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2010.
Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento do Território.

FERREIRA; ASSIS, 2006

José Carlos Ferreira; Francisco Assis – Pontes de Moimenta e Painzela têm arte, história e lendas. [Diário do Minho](#). Braga (26 Outubro 2006). P. 25.

FERREIRA; ASSIS, 2006A

José Carlos Ferreira; Francisco Assis – Património: Casas com História: Cabeceiras de Basto, 2. [Diário do Minho](#). Braga (28 de Dezembro de 2006). P. 21-28.

FERREIRA; ASSIS, 2006B

José Carlos Ferreira; Francisco Assis – Casa setecentista da Ponte é uma mansão fortificada. [Diário do Minho](#). Braga (21 de Dezembro 2006). P. 25.

FERREIRA; ASSIS, 2006C

José Carlos Ferreira; Francisco Assis – Convento-hospício de Cabeceiras está a caminho da ruína total. [Diário do Minho](#). Braga (21 de Dezembro 2006). P. 26.

FIGUEIRA, 1940

A. M. Figueira – O menir das Turrinheiras. In [Congresso do Mundo Português: actas](#). Vol. 1. Lisboa. Com. Executiva dos Centenários, 1940. P. 205-206.

FIGUEIRA, 1940A

Joaquim Fernandes Figueira – Os pisões do Barroso. Lisboa: Congresso do Mundo Português. 13 (1940). P. 215-219.

FONTES, 1922-1937

[Fontes Hispaniae Antiquae](#). Barcelona: Universidad de Barcelona. 1 (1922) P. 94; 3 (1935) P. 199; 4 (1937) P. 116.

FONTES, 1996

João Luís Inglês Fontes – A Terra de Vermoim nas Inquirições de 1220: o povoamento e a propriedade régia. In [Actas Congresso Histórico de Guimarães, 2.º](#). Vol. 6. Guimarães: Câmara Municipal, 1996.

FONTES, 1998

Luís Fernando de Oliveira Fontes – [Sítios e Achados Arqueológicos da Vertente Alta da Serra da Cabreira](#). Texto policopiado. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 1998.

FONTES, 1999

Luís Fernando de Oliveira Fontes – O sítio fortificado tipo “mota” de Eiró, Rio Douro, Cabeceiras de Basto. In Mário Jorge Barroca (coord.) – [Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam](#). Vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999. P. 325-330.

FONTES; RORIZ, 2007

Luís Fontes; Ana Roriz – [Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho: Roteiros](#). Braga: Município de Vieira do Minho, 2007.

FORAL, 1969

Foral da Terra de Cabeceiras de Basto dado pelas inquirições do tombo. In Luís Fernando de Carvalho Dias – [Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve, conforme o exemplar do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa. Entre Douro e Minho](#). Lisboa: ed. do Autor, 1969.

FRANKLIN, 1816

Francisco Nunes Franklin – [Memória para servir de índice dos forais das terras do Reino de Portugal e seus Domínios](#). Lisboa: Of. Academia Real das Ciências, 1816.

FREIRE, 1905

A. Braamcamp Freire – Povoação de Entre Dóiro e Minho no século XVI. [Arquivo Histórico Português](#). Lisboa. 3 (1905).

FREIRE, 1910

A. Braamcamp Freire – *O Marramaque*. In [Crítica e História: Estudos](#). Vol. I. Lisboa: Bertrand, 1910.

FREIRE, 1968

Pascoal José de Melo Freire – [História do Direito Português](#). Trad. de Miguel Pinto de Meneses. Lisboa, 1968.

FREIRE, 1986

José Galdes Freire – Problemas literários das «Vitae Sanctae Seniorinae». In [Actas do Colóquio A Mulher e a Sociedade Portuguesa](#). Vol. 2. Coimbra. 1986.

FREITAS, 1977

Eugénio de Andreia da Cunha e Freitas – [Carvalhos de Basto: a descendência de Martin Pires de Carvalho, Cavaleiro de Basto](#). Tomo I, fasc. I. Porto: [s.n.] 1977.

GALHANO, 1978

Fernando Galhano – [Moinhos e azenhas em Portugal](#). Lisboa: Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos, 1978.

GAZETA, 1900

[Gazeta dos Caminhos de Ferro](#). Lisboa. 293 (Março, 1900).

GAZETA, 1905

[Gazeta dos Caminhos de Ferro](#). Lisboa. 418 (Maio, 1905).

GONÇALVES, 1981

Iria Gonçalves – Da Estrutura do Casal nos fins da Idade Média. [História e Crítica](#). 7 (Março 1981).

GONÇALVES, 1996

Iria Vicente – A árvore na paisagem rural do Entre Douro e Minho: o testemunho das Inquirições de 1258. In [Actas do Congresso Histórico de Guimarães, 2.º](#). Vol. 6. Guimarães: Câmara Municipal, 1996.

GONÇALVES, 2002

Albertino Gonçalves – O Delfrio da Disformidade. Comunicação e Sociedade. 4 (2002). P. 117-130.

GONÇALVES, 2006

Iria Gonçalves – Sobre o coberto arbóreo da Beira Interior nos finais da Idade Média. In Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias. Vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. P. 321-350.

GONÇALVES, 2007

Inês Gonçalves – Moinhos de Cabeceiras de Basto: apontamentos de conservação. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2007.

GONÇALVES, 2009

Albertino Gonçalves – Vertigens: para uma Sociologia da Perversidade. Coimbra: Grácio Editor, 2009. (Comunicação e Sociedade; 17).

GONÇALVES; HENRIQUES, 2008

Inês Gonçalves; Pedro Henriques – Inventário do Plano Estratégico de Desenvolvimento Integrado do Espaço Rural e Florestal do Concelho de Cabeceiras de Basto. Inventariação dos Recursos e Iniciativas de Desenvolvimento Rural. [Texto policopiado]. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal, 2008.

GOUVEIA; LOURENÇO; VASCONCELOS, 2007

João P. Gouveia; Paulo B. Lourenço; Graça Vasconcelos – Soluções construtivas em alvenaria. In Congresso Construção 2007, 3. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.

GUIA, 1965

Guia de Portugal: Entre-Douro e Minho: Minho. Vol. 4, Tomo 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. P. 1289.

GUIMARÃES, 1989

F. J. Salgado Guimarães – Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmento: Antiqua, Informes, reconhecimentos e prospecções. Revista de Guimarães. 99 (1989). P. 16-66.

GUSMÃO, 1954

Adriano de Gusmão – Solares barrocos da região de Basto: ensaios de pesquisa artística. XVI Congrès International d'Histoire de l'Art. Vol. 2. Lisboa, 1954.

HARDING, 1982

A. Harding (ed.) – Climatic Change in Later Pre-History. Edinburgh: University Press, 1982. P. 1-10.

HARTMANN, 1982

A. Hartmann – Prähistorische Goldfunde aus Europa II. Spektralanalytische Untersuchungen und deren Auswertung. Studien zu den Anfängen der Metallurgie 3, Berlin, Gebr. Mann Verlag, 1982.

HERCULANO, 1980

Alexandre Herculano – História de Portugal. Prefácio e notas críticas de José Mattoso. Vol. 1. Lisboa: Bertrand, 1980.

HERNANDO GONZALO, 1989

A. Hernando Gonzalo – Inícios de la Orfebrería en la Península Ibérica. In J. A. García Castro (Ed.) – El Oro en la España Prerromana. Madrid. Revista de Arqueología. 32-45 (1989).

HISTÓRIA, 1995

História de Arte Portuguesa. 3 vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.

HÖCK, 2003

Martin Höck – Os 'guerreiros lusitano-galaicos' na história da investigação, a sua datação e interpretação. Madrider Mitteilungen. Madrid. 44 (2003). P. 51-62.

HÜBNER, 1869-92

E. Hübner – Corpus Inscriptionum Latinarum II. Berlin, 1869; Supplementum. Berlin, 1892, (=CIL).

INNERARITY, 1987

Daniel Innerarity – Modernidad y Postmodernidad. Anuario Filosófico. Navarra. 20 (1987). P. 105–129. <http://dspace.unav.es/dspace/handle/10171/2278>

INNERARITY, 1990

Daniel Innerarity – Dialética de la Modernidad. Madrid: Ed. Rialp SA., 1990.

INQUIRIÇÕES, 1258

Portugaliae Monumenta Historica: Inquisitiones. Vol. 1. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

INVENTÁRIO, 1993

Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Ourivesaria: Do Calcolítico à Idade do Bronze. Vol. 1. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993.

INVENTÁRIO, 2001

Inventário do Museu Nacional de Machado de Castro: Coleção de Ourivesaria Medieval, Séculos XII-XV. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2001, pp. 102-103.

JARDIN, 2005

Marie-Luce Jardin – Les Thérapies par les sangsues: Des pratiques les plus anciennes aux traitements actuels hautement scientifiques. Thèse de Doctorat d'État en Pharmacie. Faculté de Médecine et de Pharmacie de Besançon, 2005.

JORGE, 1979

Vitor Oliveira Jorge – O Megalitismo do Norte de Portugal. In Actas da 1ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal. Porto: GEAP, 1979. P. 83-102.

JORGE, 1982

Vitor Oliveira Jorge – Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto: os monumentos e a sua problemática no contexto europeu. Texto policopiado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.

JORGE, 1986

Susana Oliveira Jorge – Povoados da Pré-História recente da região de Chaves, Vila Pouca de Aguiar. Texto policopiado. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, 1986. Tese de doutoramento.

JORGE; ALONSO; DELIBRIAS, 1988

Vitor Oliveira Jorge; F. Alonso; G. Delibrias – Novas datas de carbono 14 para as mamoadas da serra da Aboboreira. Arqueologia. Porto. 18 (1988). P. 95-99.

JOUSSAUME, 1985

Roger Joussaume – Dolmens pour les morts. Les mégalithismes à travers le monde. Paris: Hachette, 1985.

JUNGHANS; SANGMEISTER; SCHRÖDER 1968

S. Junghans; E. Sangmeister; N. Schröder – Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Die Materialgruppen beim Stand von 12 000. Analysen. Katalog der Analysen Nr. 985-10040. Römisch-Germanisches Zentralmuseum, Band 2., Berlin, Gebr. Mann Verlag, 1968.

KRUS, 1986

Luís Krus – Inquirições. In José Costa Pereira (coord.) – Dicionário Ilustrado da História de Portugal. Vol. 2. [s.l.]: Lisboa: Alfa, 1986.

LAMB, 1982

H. H. Lamb – Reconstruction of the course of postglacial climate over the world. In A. Harding (ed.) – Climatic Change in Later Pre-History. Edinburgh: University Press, 1982. P. 11-32.

LEAL, 1873

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal – Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Corográfico, Heráldico, Arqueológico, Histórico, Biográfico e Etimológico de Todas as Cidades, Vilas e Freguesias de Portugal e de grande número de aldeias.. Vol 1. Lisboa: Liv. Ed. de Matos Moreira, 1873.

LEAL, 1988

Rodolfo de Castro Leal – A Casa Senhorial do Prado na Mitificação de uma Falsidade. Raízes e Memórias. Associação Portuguesa de Genealogia. 2 (Janeiro de 1988). P. 17-20.

LEÃO, 1610

Duarte Nunes do Leão – Descrição do Reino de Portugal. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1610.

LEITE, 1938

Joaquim Leite – As aldeias concorrentes ao prémio da Aldeia mais portuguesa de Portugal: O júri visitou hoje o lugar de Carrizado da freguesia de Bucos, concelho de Cabeceiras de Basto. Diário do Minho. 23 de setembro de 1938.

LEITE, 2010

Flora Ferreira Leite – A Recorrência dos Incêndios Florestais na Serra da Cabreira. Geoplanum. Guimarães. 1 (2010). P. 9-15.

LEMOS, 1911

Maximiano Lemos – Ribeiro Sanches: a sua vida e a sua obra. Porto: Tavares Martins, 1911.

LINDSTROM, 2012

Martin Lindstrom – Brandwashed: os truques de marketing que as empresas usam para manipular as nossas mentes. Lisboa: Ed. Gestão Plus, 2012.

LISÓN TOLOSANA, 1987

C. Lisón Tolosana – Brujería, estructura social y simbolismo en Galicia. Madrid: AKAL, 1987.

LIVRO, 1986

Livro de Cozinha da Infanta D. Maria. Prólogo, leitura, notas aos textos, glossário e índices de Giacinto Manupella. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986.

LOBO, 1992 [1619]

Francisco Rodrigues Lobo – Corte na Aldeia. Lisboa: Presença, 1992. 1.ª ed., 1619.

LOPES, 1983

Fernão Lopes – Crónica de D. João I. 2 vol. Porto: Civilização, 1983.

LOPES, 1994

Fernando Farelo Lopes – Poder Político e Caciquismo na 1.ª República Portuguesa. Lisboa: Estampa, 1994.

LOPES, 2005

Eduardo Teixeira Lopes – O Século XVIII nas Freguesias do Concelho de Celorico de Basto. Memórias Paroquiais. Celorico de Basto, 2005.

MACHADO, 1965

João L. Saavedra Machado – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, 1965. P. 51-448. Sep. de O arqueólogo português. Nova série, t. V.

MACHADO, 1965-1967 [1741-1759]

Diogo Barbosa Machado – Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica. Coimbra: Atlântida, 1965-1967. Facsimile da ed. de Lisboa Occidental, Ofic. de António Isidoro da Fonseca, 1741-1759.

MAIA, 1982

Victor Maia – Solares Setecentistas da Região de Basto. O Basto. 3: 56-57. Cabeceiras de Basto (25 de Junho e 16 de Julho de 1982).

MAIA, 1983

Victor Maia – A quem não interessa a cultura? Arquitectura Popular de Basto em riscos de desaparecer. O Basto. Cabeceiras de Basto. 3:72 (25 de Abril e 16 de Julho de 1983).

MALAFIA, 1997

E. B. de Ataíde Malafaia – Pelourinhos Portugueses: tentâmen de inventário geral. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997.

MARAVALL, 1972

José António Maravall – Estado Moderno y Mentalidad Social, Siglos XV a XVII. Vol. 1. Madrid: Occidente, 1972.

MARAVALL, 1984

José António Maravall – Poder, honor y élites en el siglo XVII. Madrid: ed. Siglo Veintiuno, 1984.

MARQUES, 1975

A. H. de Oliveira Marques – Inquirições. In Joel Serrão (*dir.*) – Dicionário de História de Portugal. Vol. 3. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

MARQUES, 1975A

A. H. de Oliveira Marques – Demografia: Na Idade Média. In Joel Serrão (*dir.*) – Dicionário de História de Portugal. Vol. 2. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

MARQUES, 1982

José Marques – Aspectos da vida interna do Mosteiro de Santo Tirso segundo a visitação de 1437. In Actas do Colóquio de História Local e Regional. Santo Tirso: Câmara Municipal, 1982.

MARQUES, 1988

José Marques – A Arquidiocese de Braga no Séc. XV. Lisboa: INCM, 1988.

MARQUES, 1989

João Francisco Marques – A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. Vol. I. Lisboa: INIC, 1989.

MARQUES, 1990

José Marques – O monacato bracarense em fase de mudança (séculos XI-XII). In Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1990.

MARQUES, 1993

José Marques – Os Municípios Portugueses dos Primórdios da Nacionalidade ao Fim do Reinado de D. Dinis: alguns Aspectos. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto. 2: 9 (1993).

MARQUES, 1993

José Marques – A origem do concelho de Ribeira de Pena (1331). Revista de Guimarães. 103 (1993). P. 327-341.

MARQUES, 2007

João Francisco Marques – A Utopia do Quinto Império e os Pregadores da Restauração. Porto: ed. Quasi, 2007.

MARQUES, 2008

André Evangelista Marques – O casal: uma unidade de organização social do espaço no Entre-Douro-e-Lima: 906-1200. Noia: Editorial Toxouts, 2008.

MARQUES, 2011

Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques – Do vinho de Deus ao vinho dos Homens: o vinho, os Mosteiros e o Entre Douro e Minho. [Texto policopiado]. Porto: FLUP, 2011. Dissertação de doutoramento.

MARTINS, 1882

J. P. Oliveira Martins – História de Portugal. Tomo I. 3.ª edição emendada. Lisboa: Viúva Bertrand, 1882. P. 33-34. <http://purl.pt/217>.

MARTINS, 1895

Oliveira Martins - Portugal Contemporâneo. Vol. 1. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1895.

MARTINS, 1954

Mário Martins – Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média. Coimbra: [s.n.], 1954.

MARTINS, 1969

António Coimbra Martins – A propósito de uma tradução de «George Dandin» atribuída a Alexandre de Gusmão: subsídios para o estudo da projecção de Molière em Portugal. Arquivos do Centro Cultural Português. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1 (1969). P. 216-225.

MARTINS, 2010

Carla Martins – Alterações do uso do solo na Serra da Cabreira, Concelho de Vieira do Minho. Geoplanum. Guimarães. 1 (2010). P. 45-53.

MARTINS; GONÇALVES; PIRES, 2000

Moisés Martins; Albertino Gonçalves; Helena Pires – A Romaria da Srª da Agonia: Vida e Memória da Cidade de Viana. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, 2000. P. 21-34.

MARTINS; SILVA, 1984

M. Martins; A.C.F. Silva – A estátua de guerreiro galaico de S. Julião, Vila Verde. Cadernos de Arqueologia. Braga 1: 2 (1984). P. 29-47.

MATTOSO, 1982

José Mattoso – O Mosteiro de Santo Tirso e a Cultura Medieval Portuguesa. In Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa. Lisboa: INCM, 1982.

MATTOSO, 1982A

José Mattoso – Ricos-Homens, Infâncias e Cavaleiros: a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII. Lisboa: Guimarães Editores, 1982.

MATTOSO, 1982B

José Mattoso – Sobrevivência do monaquismo frutuoso em Portugal durante a reconquista. In Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa. Lisboa: INCM, 1982.

MATTOSO, 1982C

José Mattoso – A Cultura Monástica em Portugal. In Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa. Lisboa: INCM, 1982.

MATTOSO, 1988

José Mattoso – Identificação de um país: Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325). Vol. I. Lisboa: Estampa, 1988.

MATTOSO, 1988A

José Mattoso – A Nobreza Medieval Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.

MATTOSO, 2011

José Mattoso – Legitimação e linhagem. In Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos. Porto: Estratégias Criativas, 2011.

MELLO, 2002

Maria Teresa de Souza Botelho e Mello – Memórias da Condessa de Mangualde. Incursões Monárquicas (1910-1920). Prefácio de Vasco Pulido Valente. Lisboa: Quetzal Ed., 2002.

MELQUÍADES ANDRÉS, 1976

Martín Melquiades Andrés – La teología española del siglo XVI. Vol. 1. Madrid: BAC, 1976.

MENDES, 2000

José Amado Mendes – Uma nova perspectiva sobre o património cultural: preservação e requalificação de instalações industriais. Gestão e Desenvolvimento. Viseu: CRBUCP. 9 (2000). P.197-212.

MENESES, 1925-1928

M. Meneses – Notícias arqueológicas do concelho de Ribeira de Pena. O Arqueólogo Português. Lisboa. 27 (1925-28).

MIGUEL, 1980

António Dias Miguel – António Pereira Marramaque, Senhor de Basto. Arquivos do Centro Cultural Português. Paris. 15 (1980). P. 135-221.

MIRANDA, 1977

Francisco de Sá de Miranda – Obras Completas. Texto fixado, notas e prefácio pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Vol. 2. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

MONTEIRO, 1982

António de Castro Xavier Monteiro – Santa Senhorinha de Basto. Cabeceiras de Basto: Comissão Fabriqueira de Basto, 1982.

MONTEIRO, 1993

Nuno Gonçalo Monteiro – Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia. In José Matoso (*dir.*) - História de Portugal: O Antigo Regime. Vol. 4. Lisboa: Estampa, 1993.

MOUTINHO, 1979

Mário Moutinho – A arquitetura Popular Portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

MUNDOS RURAIS, 2010

Mundos Rurais em Portugal: Múltiplos Olhares, Múltiplos Futuros: Livro de Atas do IV Congresso de Estudos Rurais. [S.l: s.n], 2010.

NETO, 1998

Vitor Neto – O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911). Lisboa: INCM, 1998.

NORTON, 1990

Manuel Artur Norton – O doador do cálice românico do mosteiro de Refojos de Basto. Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1990.

NOTÍCIA, 2000

M. A. Ribeiro; H. C. Martins; A. Almeida; F. Noronha – Notícia explicativa da Folha 6-C: Cabeceiras de Basto, na escala 1:50.000. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro. Departamento de Geologia, 2000.

NOVOS, 1949

Novos melhoramentos ferroviários. Gazeta dos Caminhos de Ferro. 61: 1467 (1 de fev de 1949) P. 123-125.

OLIVAL, 2010

Fernanda Olival - Os lugares e espaços do privado nos grupos populares e intermediários. In História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna. Dir. José Mattoso. Coord. Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010. P. 244-275.

OLIVEIRA, [s.d]

A. Lopes de Oliveira – Fafe e o seu Concelho. Braga: Câmara Municipal de Fafe, [s.d].

OLIVEIRA, 1978

Eduardo Pires de Oliveira – O salvamento de ‘Bracara Augusta’, IV: Os apontamentos de Braga de José Teixeira. Mínia 2.ª Série. Braga. 1: (1978). P. 20-44.

OLIVEIRA, 2004

Fátima Oliveira – Vamos à aldeia: um povo que vive com naturalidade. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal, 2004.

OLIVEIRA, 2006

Eduardo Pires de Oliveira – Revisitar Marceliano de Araújo. Misericórdia de Braga. Braga. 2 (Dez. 2006). P. 115-140.

OLIVEIRA, 2009

Paulo Oliveira – A obra da Igreja do Mosteiro de Refojos de Basto. Diário do Minho. Braga. 12 e 26 de Outubro de 2009.

OLIVEIRA, 2012

Eduardo Pires Oliveira – André Soares e o Rocó do Minho. Vol. 3. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. Tese de doutoramento não publicada.

OLIVEIRA; GALHANO, 1977

Ernesto Veiga de Oliveira; Fernando Galhano – Pisões portugueses: tecnologia tradicional. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia, 1977.

OLIVEIRA; GALHANO; PEREIRA, 1983

Ernesto Veiga de Oliveira; Fernando Galhano; Benjamim Pereira – Sistemas de moagem: tecnologia tradicional portuguesa. Lisboa: Inst. Nac. de Investigação Científica, 1983.

OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1997

António José Oliveira; Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa Oliveira – Artistas bracarenses que trabalharam em Guimarães e seu termo no séc. XVIII. Mínia. 3ª série. Braga. 5 (1997). P. 183-184.

ORS, [s.d.]

Eugénio D'Ors – Viagens. Arte Portuguesa. Trad. de Luís Alves Costa. In O Barroco. Lisboa: Vega, [s. d.].

OSÓRIO, 1974

Jorge Alves Osório – O Convívium Religiosum de Erasmo numa edição Coimbrã dos Colóquios. Humanitas. Coimbra. 25-26 (1973-1974).

PASCOAES, 1910

Teixeira de Pascoaes – Justiça social. Os lavradores caseiros. A Águia. 1.ª Série. 1 (Dez.1910).

PASCOAES, 1978 [1915]

Teixeira de Pascoaes – Arte de Ser Português, Lisboa: Delraux, 1978. 1.ª ed. 1915.

PASSOS, 2005

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [A Casa de Paço de Vides: História de Família](#). Barcelos, 2005.

PASSOS, 2005A

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [A Família Leite de Barros da Casa da Breia e o Hospício de Olela](#). Lisboa: 2005.

PASSOS, 2006

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [A acção dos Pereiras nos Descobrimentos Portugueses no Século XVI](#). Braga: ed. Autora, 2006.

PASSOS, 2007

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [Os Almeida Barreto na História de Mazagão](#). Braga, 2007.

PASSOS, 2008

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [Os Almeida](#). Braga, 2008.

PASSOS, 2011

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [Os Vieiras da Casa de Cima de Vila](#). Lisboa, 2011.

PASSOS, 2012

Estela Ângela Leite de Barros Vilela Passos – [Os Pereiras da Taipa](#). Lisboa, 2012.

PATO, 1894

Bulhão Pato – [Memórias](#). Vol. 1. Lisboa, 1894.

PATRIMÓNIO, 1993

[Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado: Inventário](#). Vol. 1. Lisboa: IPPAR, 1993.

PEIXOTO, 1899-1908

Rocha Peixoto – Basto. [Portugalia](#). Porto. 1 (1899-1908). P. 832-823.

PEIXOTO, 1908

Rocha Peixoto – A Cidade de Riodouro. [Portugalia](#). Porto. 2 (1908). P. 284.

PEIXOTO, 1908A

Rocha Peixoto – Sepulturas abertas em rocha. [Portugalia](#). Porto. 2 (1908). P. 287-288.

PEREIRA, 1990

Benjamim Pereira – [Sistemas de serração de madeiras: tecnologia tradicional portuguesa](#). Lisboa: INIC, 1990.

PEREIRA, 2002

Ana Maria M. de Sousa Pereira – O Santuário da Senhora dos Milagres de Porto de Ave. Entre o Bom Jesus de Braga e a Senhora do Pilar da Póvoa de Lanhoso. [Mínia](#). Braga, 3ª série. 10 (2002). P. 181-204.

PINA, 2012

Manuel António Pina – [Como se desenha uma casa](#). Porto: Assírio & Alvim, 2012.

PINTO, 2008

Filipe Costa Pinto – [Enciclopédia das Festas Populares e Religiosas de Portugal: Catálogo de Festas, Feiras e Romarias Portuguesas](#). Vol. 1. 2008.

PIZARRO, 1990

José Augusto de Sotto-Mayor Pizarro – A Nobreza do julgado de Braga nas Inquirições do reinado de D. Dinis. In [Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga](#). Vol. 2: 1. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano, 1990. P. 185-248.

PIZARRO, 1999

José Augusto de Sotto-Mayor Pizarro – [Linhagens medievais portuguesas: genealogias e estratégias: 1279-1325](#). 2 vol.. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna, 1999.

PIZARRO, 2011

José Augusto de Sottomayor Pizarro – Linhagem e estruturas de parentesco: algumas reflexões. In Georges Martin e José Carlos Ribeiro Miranda (*org.*) – [Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular: homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos](#). Porto: Estratégias Criativas, 2011.

POÇAS; CUNHA; PEREIRA, 2006

Isabel Pôças, Mário Cunha, Luís S. Pereira – Pastagens Seminaturais de Montanha: Lameiros, Sistemas Ancestrais no Século XXI. In [Taller CYTED XVII. El Agua en Ibero-América: Tecnologías Apropriadas e Tecnologías Ancestrales](#). Lima: Universidad Nacional de Piura-Peru, 2006.

PORTELA, 1999

José Portela – [O meio rural em Portugal: entre o ontem e o amanhã](#). Comunicação apresentada ao Seminário Internacional «A Revitalização do Mundo Rural e o Ordenamento do Território, Lisboa, 15-17 de Maio de 1997», [home.utad.pt/~des/.../1999porjosfmeirur21.doc](#)

POVO, 1949

Ao povo do concelho: Convite. [O Jornal de Cabeceiras](#). 1513 (9 Jan. 1949).

QUEIROGA, 2003

Francisco M. V. R. Queiroga – [War and Castros: New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age](#). Oxford, BAR International Series 1198, Archaeopress (=1992, Oxford University, policopiado).

QUEIROGA, 2009

Francisco M. V. R. Queiroga – A cidade de Riodouro revisitada. [Boletim Cultural da Póvoa de Varzim](#). 43 (2009). P. 462-479.

RAU, 1982

Virgínia Rau – [Feiras Medievais Portuguesas](#). Lisboa: Editorial Presença, 1982.

REBANDA, 1990

Nelson Rebanda – [Inventário Arqueológico do Concelho de Cabeceiras de Basto](#). Texto policopiado. Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 1990.

RECORRÊNCIA, 2010

Flora Ferreira Leite; António Bento Gonçalves; António A. B. Vieira; Carla Oliveira Martins – A Recorrência dos Incêndios na Serra da Cabreira (Vieira do Minho, Noroeste de Portugal) como medida da manifestação do risco de incêndio Florestal. [Territorium](#). 17-16 (2010). P. 93-98. ISBN: 0872-8941

REDENTOR, 2008

Armando Redentor – Inscrições sobre guerreiros lusitano-galaicos: leituras e interpretações. [Revista Portuguesa de Arqueologia](#). 11: 2 (2008). P. 195-214.

REDENTOR, 2009

Armando Redentor – Sobre o significado dos guerreiros Lusitano-Galaicos: o contributo da epigrafia. [Acta Palaeohispanica](#) X (Palaeohispanica 9). 2009. P. 227-246.

REFOJOS, 1992

Refojos de Basto. In [Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura](#). Vol. 16. Lisboa: Verbo, 1992.

REIS, 2004

António Matos – [Os Concelhos na Primeira Dinastia à luz dos forais e de outros documentos da Chancelaria Régia](#). [Texto policopiado]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
Tese de doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2004.

RÉVAH, 1969

I. S. Révah – Des ouvrages d'António Pereira “Marramaque” dénoncés à l'Inquisition en 1564. [Bulletin des Études Portugaises](#). Lisboa. 30 (1969). P. 64-77.

RIBEIRO *et al.*, 2000

M. A. Ribeiro; H. C. Martins; A. Almeida; F. Noronha – [Carta Geológica de Portugal: Notícia explicativa da folha 6-C Cabeceiras de Basto](#). Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro, 2000.

RIBEIRO, 1810

João Pedro Ribeiro – [Dissertações cronológicas e críticas sobre a história e jurisprudência eclesiástica e civil de Portugal](#). Vol. 1. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1810.

RIBEIRO, 1959 [1512]

Luciano Ribeiro – Uma descrição de Entre Douro e Minho por mestre António. [Boletim Cultural](#). Câmara Municipal do Porto. Porto. 22: 3-4 (1959). 441- 460.

RIBEIRO, 1991

Orlando Ribeiro – O Campo. In Orlando Ribeiro; Hermann Lautensach, Suzanne Daveau – Geografia de Portugal: A vida económica e social. Vol. 4. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1991. P. 945-1111.

RIBEIRO, 1998 [1945]

Orlando Ribeiro – Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1998. 1.ª ed, 1945.

ROCHA, 1994

Manuel Joaquim Moreira da Rocha – Arquitectura civil e religiosa de Braga nos séculos XVII e XVIII. Os Homens e as Obras. Braga: [s.n.], 1994.

RODRIGUES, 1995

Jorge Rodrigues – A escultura românica: A ourivesaria. In Paulo Pereira (dir.) – História da Arte Portuguesa. Vol.1. [s. l.]: Círculo de Leitores, 1995. P. 320-324.

RODRIGUES, 2006

Ana Maria S. A. Rodrigues – A formação da rede paroquial no Portugal medievo. In Estudos de Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias. Vol. I. Porto: FLUP, 2006.

RODRIGUES, 2006A

Luís Alexandre Rodrigues – Arte da talha dourada e policromada no distrito de Bragança. Documentos. Séculos XVII-XVIII. Mirandela: João Azevedo editor, 2006.

ROJO GUERRA *et al.*, 2006

M. A. Rojo Guerra; R. Garrido Peña; I. García Martínez; J. Juan Treseras; J.C. Matamala – Beer and Bell Beakers: Drinking Rituals in Copper Age Inner Iberia. Proceedings of the Prehistoric Society. 72 (2006). P. 243-265.

ROLO, 1977

Raul de Almeida Rolo, O.P. – Formação e Vida Intelectual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Porto: Movimento Bartolomeano, 1977.

S. TOMAS, 1974 [1644]

Frei Leão de S. Tomás (O.S.B.) – Beneditina Lusitana. Introdução e notas de José Matosso. 2 vol. Lisboa: INCM, 1974. 1.ª ed., Coimbra, 1644.

SALESSE, 2003

Emanuel Salesse – Os que “Sabiam” e os que “andam baralhados”: Funcionamento técnico e social de um regadio. Etnográfica. 7: 1 (2003). P. 33-61

SALGADO, 1933

Daniel Salgado – Terra de Basto: todos comem palha. Vila Nova de Famalicão: Tip. Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, 1933.

SAMPAIO, 1979

Alberto Sampaio – As Vilas do Norte de Portugal. In Estudos Históricos e Económicos. Prefácio de Maria José Trindade. Vol. 1. Lisboa: Ed. Vega, 1979.

SAMPAIO, 1979A

Alberto Sampaio – As Póvoas Marítimas. In Estudos Históricos e Económicos. Prefácio de Maria José Trindade. Vol. 2. Lisboa: Ed. Vega, 1979.

SAMPAIO, 1998

Jorge Pereira de Sampaio – Casas com tradição em Portugal. Lisboa: Editora Estar, 1998.

SAMPAIO; BOTELHO, 2000

Jorge Pereira de Sampaio; Cândida de Arruda Botelho – Casas Portuguesas e Brasileiras. Lisboa: Edições INAPA, 2000.

SANCHES, 1922 [1760]

António Nunes Ribeiro Sanches – Cartas sobre a educação da mocidade. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1992. 1.ª ed., Paris, 1760.

SANTOS, 1972

M. F. Santos – Pré-história de Portugal. 2.ª ed. Lisboa: Verbo, 1972.

SANTOS, 1980

Cândido dos Santos – Os Jerónimos em Portugal: das origens aos fins do século XVII. Porto: INIC, 1980.

SANTOS, 2012

Luís Santos – Grande Livro dos Santos. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2012.

SARAIVA; BASTOS, 2004

José Hermano Saraiva; Helder Bastos – História das freguesias e concelhos de Portugal. 20 vol. Matosinhos: QuidNovi, 2004.

SARMENTO, 1970

Francisco Martins Sarmento – Antiqua. Revista de Guimarães. 80: 1-2 (Jan.-Jun. 1970). P. 11-72.

SARMENTO, 1970A

Francisco Martins Sarmento – Os inéditos de Martins Sarmento. Revista de Guimarães. 80: 1-2 (1970). P. 5-72.

SAVORY, 1967

H. N. Savory – Espanha e Portugal. Lisboa: Verbo, 1967.

SEQUEIRA, 2006

Maria Olga Portela Gonçalves de Paz Sequeira – A Igreja do Mosteiro de São Miguel de Refojos de Cabeceiras de Basto. In Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias. Vol. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

SERRÃO, 1975

Joel Serrão – Emigração: na época contemporânea. In Joel Serrão (*dir.*) – Dicionário de História de Portugal. Vol. 2. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

SERRÃO, 1979

Joaquim Veríssimo Serrão – História de Portugal. Vol. I. Lisboa: Verbo, 1979.

SHERRATT, 1991

A. Sherratt – Sacred and Propfane Substances: the Ritual Use of Narcotics in Later Neolithic Europe. In P. Garwood; D. Jennings; R. Skeates; J. Toms (eds.) – Sacred and Profane. Oxford: OUCA, 1991. (Monograph; 32). P. 50-64.

SILVA, 1862

Inocêncio Francisco da Silva – Dicionário Bibliográfico Português. Vol 7. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

SILVA, 1958

António Lambert da Silva – Nobres Casas de Portugal. 5 vols. Porto: Tavares Martins, 1958.

SILVA, 1986

Armando Coelho Ferreira da Silva – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.

SILVA, 1986A

Armando Coelho Ferreira da Silva – Ourivesaria Pré-Romana do Norte de Portugal. In História da Arte em Portugal. Vol 1. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. P. 67-73.

SILVA, 1993

José Custódio Vieira da Silva – Paços Medievais Portugueses: caracterização e evolução da habitação nobre: séculos XII a XVI. 2. Vol. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1993. Dissertação de doutoramento: História de Arte.

SILVA, 1995

Armando Coelho Ferreira da Silva – A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I Milénio A.C.. Revista da Faculdade de Letras. Porto. 2.ª Série. 12 (1995).

SILVA, 1995A

E. R. S. Silva – Jogos de quadricula do tipo Mancala com especial incidência nos praticados em Angola. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1995.

SILVA, 1999

Armando Coelho Ferreira da Silva – A cultura Castreja no Norte de Portugal. Revista de Guimarães. Número especial. Guimarães, 1999.

SILVA, 2001

Armando Malheiro da Silva – Os Conspiradores no Sul da Galiza: As incursões monárquicas (1911-1912) na Literatura Portuguesa. Braga: Ed. da Real Associação de Braga, 2001.

SILVA, 2002 [1995]

José Custódio Vieira da Silva – Paços Medievais Portugueses. 2.ª ed. rev. e actualizada. Lisboa: IPPAR, 2002.
1.ª ed. 1995.

SILVA, 2003

Armando Coelho Ferreira da Silva – Expressões guerreiras da sociedade castreja. Madrider Mitteilungen. Madrid. 44 (2003). P. 41-50.

SILVA, 2011

Nuno Vassallo e Silva – Obras-primas da Arte Portuguesa. Lisboa: Athena-Babel, 2011. P. 14-16.

SMITH, 1970

Robert C. Smith – Marceliano de Araújo escultor bracarense. Porto: Nelita Editora, 1970.

SMITH, 1972

Robert C. Smith – Frei José de Santo António Ferreira Vilaça: escultor beneditino do século XVIII. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

SMITH, 1974

Robert C. Smith – Agostinho Marques, enxambrador da Cónega. Porto: Livraria Civilização, 1974.

SMITH, 1975

Robert C. Smith – As grades de Tibães e a sua prol (1668-1783). Belas Artes. Lisboa. 2ª série. 28-29 (1975).

SMITH, 1975A

Robert C. Smith – O “Bronze dourado” em Braga e no Porto: 1600-1800. Bracara Augusta. Braga. 29: 79-80 (1975).

SOARES, 1962

Torquato de Sousa Soares – Reflexões sobre a origem e a formação de Portugal. Coimbra: Inst. de Estudos Históricos, 1962.

SOARES, 1970

Torquato de Sousa Soares – Contribuição para o estudo das origens do Povo Português. Sá da Bandeira: Universidade, 1970.

SOEIRO, 1997

Teresa Soeiro – O esplendor do Sur da Callaecia. In Gerardo Pereira Menaut (ed.) – Galicia Fai Dous Mil Anos: o Feito Diferencial Galego na Historia. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, 1997. P. 213-236.

SOEIRO, 1998

Teresa Soeiro – O sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe. Cadernos do Museu. Penafiel. 4 (1998). P. 5-62.

SORIANO, 1846

Simão José Luz Soriano – História do Cerco do Porto. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846.

SOUSA, 1934

J. Fernando de Sousa – Variante pedida na linha do Tâmega. Gazeta dos Caminhos de Ferro. 46: 1127 (1 de dez. de1934). P. 587-589.

SOUSA, 1984

Luís de Sousa, Frei, O.P. – Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Lisboa: INCM, 1984.

SOUSA, 2000

Júlio Rocha e Sousa – Pelourinhos do Distrito de Braga. Viseu: Eden Gráfico, 2000.

SOUSA, 2007

Joana Catarina Sousa - A Nobreza e o Processo de Senhoriaização nas Terras de Basto: Século XIII e XIV. Porto: FLUP, 2007.
Dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação de José Augusto de Sotto-Mayor Pizarro.

SOUSA, 2007-2008 [1785]

António Caetano de Sousa – História genealógica da casa real portuguesa. Introd. de Manuela Mendonça. 15 vol. [S.l.]: QuidNovi/Público, 2007-2008.

STOOP, 1993

Anne de Stoop – Palácios e casas senhoriais do Minho. Porto: Livraria Civilização, 1993.

TAVARES, 1975

Pedro Vilas Boas Tavares – Sobre o nome Basto da Região. Notícias de Basto. 41: 1968-1969 (7.2.1975 e 21.2.1975). P. 1-3.

TAVARES, 1980

Pedro Vilas Boas Tavares – A Região de Basto, um património a defender, um futuro a construir. Jornal de Cabeceiras. 61: 2643 (19.4.1980). P. 1, 2 e 5.

TAVARES, 1998

Pedro Vilas Boas Tavares – Nossa Senhora da Oliveira em Terras de Basto. Câmara Municipal de Celorico de Basto: 1998.

TAVARES, 2003

Pedro Vilas Boas Tavares – Senhorinha de Basto: Memórias literárias da vida e milagres de uma santa medieval. Via Spiritus. 10 (2003). P. 7-37.

TAVARES, 2004

Pedro Vilas Boas Tavares – O Norte do país e o Porto da Belfastada nas «informações» da Nunciatura de Lisboa. In Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos. Porto: FLUP, 2004.

TAVARES, 2012

Pedro Vilas Boas Tavares – Povo, soberania e liberdade «na balança da Europa»: Evocações da Patuleia. Humanística e Teologia. 23: 2. Porto: UCP, 2012. P. 712-716.

TÁVORA; PIMENTEL; MENÉRES, 1988 [1961]

Fernando Távora; Rui Pimentel; António Menéres – Zona 1: Minho. In Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.
1.ª ed., 1961

TEIXEIRA, 1947

Carlos Teixeira – Ruínas de povoados antigos na Serra da Cabreira. Revista de Guimarães. 57: 1-2 (1947).

TEIXEIRA, 2010

Alexandre Teixeira – S. Bartolomeu da ponte de Cavez. Ecos do Basto, (21 de Junho de 2010). Veja-se <http://www.ecosdebasto.com/noticia.asp?idEdicao=159&id=5772&idSeccao=1525&Action=noticia>. Consultado em Maio de 2013.

TEIXEIRA; VALA, 1999

Manuel Teixeira; Margarida Vala – Urbanismo português séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil. In O Urbanismo Medieval, Séculos XIII a XIV. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

TORRES, 1975

Rui d'Abreu Torres – Fernão de Pina. In Joel Serrão (*dir.*) – Dicionário de História de Portugal. Vol. 5. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

TRANOY, 1981

A. Tranoy – La Galice Romaine: Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité. Paris: Publications du Centre Pierre 7, 1981.

VALADARES, 1978

António Canavarro de Valadares – A ascendência portuguesa do Presidente Afonso Pena. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 320 (Jul-Set de 1978).

VALADARES, 1979

António Canavarro de Valadares – Camilo e a ponte de Cavez. Boletim de Trabalhos Históricos. 30 (1979). P. 145-211. http://www.csarmento.uminho.pt/docs/amap/bth/bth1979_06.pdf

VALADARES, 1980

António Canavarro de Valadares – Camilo e Ribeira de Pena: a Génese de Maria Moisés. Boletim de Trabalhos Históricos. Guimarães. 31 (1980). P. 81-104.

VALADARES, 1985

António Canavarro de Valadares – Camilo e Ribeira de Pena: o fidalgo-mendigo. Boletim da Casa de Camilo. V. N. Famalicão. 6 (Dezembro de 1985).

Separata

VALADARES, 1988

António Canavarro de Valadares – A Ascendência Ribeirapense do Presidente Brasileiro Afonso Pena. Braga: Biblioteca Municipal de Ribeira de Pena, 1988.

VALE, 1949

J. Miranda do Vale – Gado Bissulco. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1949. (Coleção A Terra e o Homem).

VALENTE, 2006

Vasco Pulido Valente – Um herói português: Henrique Paiva Couceiro (1861-1944): Biografia. Lisboa: Aletheia, 2006.

VASCONCELOS, 1980

José Leite de Vasconcelos – Etnografia Portuguesa. Vol. 3. Lisboa: INCM, 1980.

VASCONCELOS, 1981

José Leite de Vasconcelos – Religiões da Lusitânia. Vol. 1. Lisboa: INCM, 1981.

VASCONCELOS, 1983 [1862]

Teixeira de Vasconcelos – O prato de arroz doce. Introdução de Manuel Abranches de Soveral. Porto: Civilização Editora, 1983. 1.^a edição, 1862.

VASCONCELOS, 2005-2007

Duarte Nuno de Carvalho do Vale e Vasconcelos – Cavez da Terra de Basto. 2 vol. Lisboa: ed. do autor, 2005-2007.

VAZ, 1970

A. Vaz - Ronda Concelhia: Cavez. Jornal de Cabeceiras. Set. 1970.

VAZ, 2002

Alexandre Vaz – Incursões Monárquicas: Monarquia do Norte: Padre Domingos Pereira. Os acontecimentos em Cabeceiras de Basto, Celorico e Fafe. In Actas das Jornadas de História Local. Fafe: Câmara Municipal, 2002. P.115-124.

VELOSO, 1975

Francisco José Veloso – Obras de S. Martinho de Dume. Bracara Augusta. Braga. 29 (1975). P. 61-110.

VENTURA, 2009

Leontina Ventura – D. Afonso III. Lisboa, Círculo de Leitores: 2009.

VICENTE; MARTINS, 1979

E. P. Vicente; A.S. Martins – Menires de Portugal. Ethnos. Lisboa. 8 (1979). P 107-138.

VIEIRA, 1887

José Augusto Vieira – O Minho Pitoresco. 2 vol. Lisboa: Livr. de António Maria Pereira, 1886-1887. P. 525- 547.

VIEIRA, 1981 [1883]

Casimiro José Vieira – Apontamentos para a História da Revolução do Minho em 1846 ou da Maria da Fonte, escritos pelo Padre Casimiro finda a guerra em 1847. Prefácio e estabelecimento do texto por José Teixeira da Silva. Lisboa: Ed. Antígona, 1981.

1.^a ed., Braga, Tipografia Lusitana, 1883.

VITERBO, 1896

Francisco Sousa Viterbo – Arqueologia industrial portuguesa: os moinhos. O Arqueólogo Português. 2: 2-(1896).

VITERBO, 1899-1922

Sousa Viterbo – Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses. 3 vol. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1899-1922. Existe uma edição facsimilada de 1988.

VITERBO, 1966 [1798-1799]

Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Frei – Elucidário das palavras, termos e

frases... 2 vol. Porto: Livraria Civilização, 1966.

1.^a edição, 1798-1799.

VITERBO, 1988

Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses. 3 vol. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

Ed. fac-similada da de 1904.

ZBYZEWSKI, 1977

G. Zbyzewski *et al.* – Nouvelles découvertes de cromlechs et de menhirs au Portugal. Tomo 61. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1977. P. 63-73.